



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DEDC  
CAMPUS VIII – PAULO AFONSO – BAHIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ARQUEOLOGIA**



**A PAISAGEM NA ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA  
FENOMENOLÓGICA**

Paulo Afonso/BA,  
DEZEMBRO/ 2018

**JANAÍNA SOUZA SILVA**

**A PAISAGEM NA ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA  
FENOMENOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Colegiado de  
ARQUEOLOGIA, da Universidade do Estado  
da Bahia – UNEB, Campus VIII, para o Prof<sup>o</sup>  
Msc Salomão David Vergne Cardoso.

Paulo Afonso/BA,  
DEZEMBRO/ 2018

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB  
Dados fornecidos pelo autor

S586a

Silva, Janaína Souza

A Paisagem na Arqueologia: Um Estudo sob a Perspectiva Fenomenológica / Janaína Souza Silva.-- Paulo Afonso, 2018.  
90 fls.

Orientador(a): Prof. Msc Salomão David Vergne Cardoso.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Arqueologia) - Universidade do Estado da Bahia.  
Departamento de Educação. Câmpus VIII. 2018.

1. Arqueologia. 2. Paisagem. 3. Fenomenologia. 4. Percepção.

CDD: 571

Folha de Aprovação

**A PAISAGEM NA ARQUEOLOGIA: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA  
FENOMENOLÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso/TCC apresentado no Curso de Bacharelado em Arqueologia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como requisito para obtenção do título de Bacharel em Arqueologia.

Aprovado em 17 de Dezembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientador: Prof. Me Salomão David Vergne Cardoso  
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cleonice de Souza Vergne  
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

---

Prof. Esp. Admilson Freire de Carvalho  
Universidade do Estado da Bahia – DEDC Campus VIII

Paulo Afonso-BA

2018

Dedico este TCC a meus pais, irmãos, sobrinhos e a todos que estiveram ao meu lado me apoiando.

## Agradecimento

Primeiramente sou grata a Deus, minha mãe Iemanjá, meu pai Oxóssi, Iansã e Oxum, por terem me dado força e determinação para escrever essa monografia. A minha avó Nanã e meu vovô Obaluaê por terem me dado sabedoria e paciência dos momentos difíceis.

A meu pai Ogum, Xangô, Ossanha e Oxumarê por terem zelado por mim em todo momento e pela determinação que me foi concebida. A todos os meus guias espirituais que me concederam o conhecimento necessário para desenvolver este Trabalho de Conclusão de Curso.

À minha mãe, pai e irmãos, serei eternamente grata por sempre terem acreditado que eu conseguiria chegar até aqui. A minha cachorrinha Luna que tanto amo, que foi minha companhia nas longas noites em claro.

A meu orientador e melhor amigo Salomão David Vergne Cardoso por ter confiado em mim, ter estado sempre ao meu lado me conduzindo nesta jornada, jamais poderei retribuir tudo o que ele fez por mim, suas palavras sempre foram meu acalento quando precisei, ele sempre foi as asas que me permitiram voar para alcançar meus sonhos.

A minha coordenadora, professora e mãe de coração, Maria Cleonice Souza Vergne, por ter me apoiado e me ensinado a ser uma pessoa forte, sem ela certamente não estaria aqui, ela foi o braço forte que me manteve focada em meus objetivos e sempre me ajudou a enfrentar todos os desafios que a vida me impôs durante este curso.

A Manoela Carvalho, Admilson Freire e José Augusto, que me ajudaram nos trabalhos em laboratório, através deles pude ter a oportunidade de aprender a desenvolver minhas habilidades no Centro de Arqueologia e Antropologia de Paulo Afonso (CAAPA), que acabou tornando-se meu segundo lar.

Ao meu amigo Fábio Origuela que sempre esteve me auxiliando através de seu conhecimento e experiência, me suportando durante muitas noites e madrugadas em claro, sanando tantas dúvidas. Preciso salientar que, além de um grande profissional,

também possui uma enorme simplicidade, sempre tratando-me com respeito e muito carinho.

A Romão Mariano e Marcia Cristina que me ampararam quando eu mais precisava, confiando em mim e me confortando, sem sombra de dúvidas, são amigos que levarei para a vida toda.

A Kaio souza por tudo fez por mim, não somente nesta importante etapa, mas durante a toda minha vida, um grande amigo que sempre me auxiliou por meio de seus sábios conselhos e sempre se manteve ao meu lado, ainda que muitas vezes não fisicamente, mas sempre através do coração.

A meu querido professor do ensino médio, José Hilário, jamais me esquecerei do dia em que ele foi até a sala para nos informar sobre a chegada do curso de Bacharelado em Arqueologia na UNEB – CAMPUS VIII, assim como, jamais me esquecerei de quando ele me ligou de madrugada para me avisar sobre minha aprovação e parabenizar-me, até hoje tal atitude me deixa emocionada, posso dizer que como pessoa e como professor é um exemplo a ser seguido.

A todos os meus professores, Salomão Vergne, Cleonice Vergne, Elis Rejane, Natan Pereira, Bruno Heim, João Cabral, Rildo Santos, Kilma Manso, Jamile Silveira, Jacques Fernandes e Rita de Cássia.

A todos os colegas do curso pelo apoio que me foi dado, em especial a Naiane Jobson, Larissa Cruz, Juliana Ribeiro, João Paulo Oliveira, João Paulo Carvalho, Terezinha Vidal, Maria do Socorro, Weldson Luíz e Renato Natan.

A minha grande amiga, Larissa Cautier, por tudo o que fez por mim, uma pessoa maravilhosa, inteligente e que muitas vezes me ajudou em meus momentos de dúvida.

A segunda turma de Arqueologia da UNEB, foram grandes amigos e por meio deles pude saber o que é ser bem recebida por uma turma, em especial a Pamela Rayssa, José Augusto, Henrique Sanne, Jepherson Oliveira, Itamara Aline, Luara Tavares Rafaela Vital e Manuela Mariano.

*“Mesmo quando estamos vazios de pensamento, não desistimos de nossa capacidade de pensar.”*

Martin Heidegger

SILVA, Janaína Souza. A Paisagem na Arqueologia, um estudo sob perspectiva fenomenológica. 2018. 90f. Monografia (Bacharelado em Arqueologia) – Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Departamento de Educação – Campus VIII. Paulo Afonso, BA.

## RESUMO

A Arqueologia da Paisagem trata-se de uma área da arqueologia voltada para a análise de contextos paisagísticos que apresentem modificações antrópicas. Diante das crescentes discussões a respeito do estudo da paisagem voltada para o campo arqueológico, torna-se imprescindível compreender como o contexto paisagístico pode dá subsídios para o estudo da composição dos sistemas culturais e conseqüentemente seu funcionamento voltado para as questões de subsistência e os aspectos simbólicos das sociedade. Este estudo apresenta os conceitos da corrente filosófica da Fenomenologia, sendo por meio desta definido os conceitos de lugar, espaço e paisagem, ainda dentro desta ótica pretende-se compreender o envolvimento da paisagem na ciência arqueológica. A pesquisa está pautada em estudos bibliográficos apresentando um caráter descritivo. Por meio do estudo realizado pode-se verificar que a Paisagem possui sua própria essência, assim como o ser pode adquiri-la por meio das experiências, essas experiências irão interferir no modo como a paisagem é observada, partindo dessa concepção, pode-se perceber que o observador deve compreender que seu olhar está carregado de seus próprios fenômenos, logo para entender a paisagem precisa-se ir além do visível, utilizando-se das percepções e dos sentidos.

**Palavras-chave:** Arqueologia. Paisagem. Fenomenologia. Percepção.

## ABSTRACT

La Arqueología del Paisaje se trata de un área de la arqueología volcada para el análisis de contextos paisajísticos que presenten modificaciones antrópicas. Ante las crecientes discusiones acerca del estudio del paisaje volcado hacia el campo arqueológico, resulta imprescindible comprender cómo el contexto paisajístico puede dar subsidios para el estudio de la composición de los sistemas culturales y consecuentemente su funcionamiento orientado hacia las cuestiones de subsistencia y los aspectos simbólicos de las sociedades. Este estudio presenta los conceptos de la corriente filosófica de la Fenomenología, siendo por medio de esta definida los conceptos de lugar, espacio y paisaje, aún dentro de esta óptica se pretende comprender la implicación del paisaje en la ciencia arqueológica. La investigación está pautada en estudios bibliográficos presentando un carácter descriptivo. Por medio del estudio realizado se puede verificar que el Paisaje posee su propia esencia, así como el ser puede adquirirla por medio de las experiencias, esas experiencias interferir en la forma en que el paisaje es observado, partiendo de esa concepción, se puede percibir que el observador debe comprender que su mirada está cargada de sus propios fenómenos, luego para entender el paisaje se necesita ir más allá de lo visible, utilizando las percepciones y los sentidos.

**Keywords:** Arqueología. Paisaje. La fenomenología. Percepción

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I. METODOLOGIA .....	17
2. ARQUEOLOGIA E PAISAGEM.....	20
2.1 A ARQUEOLOGIA.....	20
2.2 ESPAÇO .....	26
2.3 LUGAR.....	30
2.4 PAISAGEM .....	32
2.4.1 ABORDAGEM CULTURAL.....	33
2.4.2 ABORDAGEM HUMANISTA.....	34
3. CULTURA.....	38
3.1 CULTURA MATERIAL .....	44
3.2 CULTURA IMATERIAL.....	48
4. O VESTÍGIO.....	52
4.1 LÍTICO.....	53
4.2 CERÂMICA.....	55
4.3 REGISTROS RUPESTRES.....	57
5. ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM .....	61
5.1 PATRIMÔNIO PAISAGÍSTICO.....	68
5.2 PATRIMÔNIO E PRESERVAÇÃO.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83

## INTRODUCAO

A Arqueologia da Paisagem é um ramo da arqueologia que busca compreender as relações que o homem estabelece com o seu meio. Esta relação resulta na consolidação da paisagem cultural enquanto um espaço modificado por ações antrópicas, constituindo-se em uma nova perspectiva a respeito do lugar.

As evidências dessas modificações são os vestígios materiais distribuídos espacialmente na paisagem, sejam eles, fragmentos ou objetos líticos, cerâmicos, vítreos, dentre outros, que apresentem mobilidade; ou fixos nas paisagens, no caso das gravuras e pinturas rupestres, essas inferências e criações humanas, ajudam a compreender o funcionamento das sociedades em diversos aspectos, sejam eles de ordem, religiosa, econômica, hierárquica e até mesmo simbólica.

A arqueologia da paisagem teve seu início em dois países, França e Inglaterra, essa vertente da Arqueologia começou quando foi introduzido os conceitos da Ecologia Cultural na até então disciplina arqueológica. Com a vinda de novos conceitos, um novo questionamento surgiu, agora a preocupação era entender as relações que o estabelecia com o seu entorno. Outras áreas da ciência que iriam contribuir na elucidação desse questionamento passaram a ser vistas de forma mais significativa como as Geociências e a Geografia.

Por volta da década de 60 do século XX, a objetividade a escola Processual gerou desconfiança em muitos estudiosos, pois, ainda que a evidência material servisse como uma prova da inferência humana em determinados contextos ambientais, a sua interpretação muitas vezes dependia do olhar de quem estava analisando, tendo isso em mente, já nos anos 80 do mesmo século.

A corrente Pós-Processual surge como um contraponto a cientificidade exacerbada da corrente anterior, que tinha como base modelos sistemáticos. O Pós-Processualismo considerava, além da evidencia material, os aspectos subjetivos do próprio pesquisador em suas interpretações, assim como a importância do estudo dos aspectos simbólicos que faziam parte da estrutura as sociedades.

O trabalho de dissertação de mestrado de José Carlos Loures de Oliveira que estudou o tema: Ecologia e Arqueologia da Paisagem: Um estudo dos Sítios Pré-coloniais da Zona da Mata Mineira, será utilizado dentro de uma perspectiva histórica na análise da evolução dos estudos da paisagem na Arqueologia.

O meio ambiente é um grande aliado na busca da compreensão a respeito do passado do homem. Apesar de tratar-se de perspectiva que não tem sido muito difundida, sua importância consiste na leitura ambiental dentro dos contextos paisagísticos, fornecendo reflexões dentro de uma perspectiva social, simbólica, religiosa, dentre outras.

O presente estudo intenta dispor de noções a respeito do estudo da paisagem na Arqueologia; abordar conceitos a respeito do que é lugar e espaço e sua importância para a ciência arqueológica; será feita uma breve análise a respeito do conceito de cultura e suas manifestações dentro de uma visão antropológica, e por fim será discutido o conceito de patrimônio e a importância de sua preservação.

O estudo da paisagem torna-se pertinente pela falta de compreensão que muitas pessoas tem a respeito do significado deste termo, e qual a sua aplicação na Arqueologia, possivelmente por não compreender que esta vertente da arqueologia pode ser uma forte aliada na análise das relações sociais e na compreensão da conexão homem/meio.

O aporte teórico desta pesquisa está embasado nos escritos de Marina de Andrade Marconi (1992), Milton Santos(2008), André Proust (1992), Gabriela Martin (2008) e Rafael Winter Ribeiro (2007) e outros, que servirão como meio de compreensão da paisagem cultural, sua análise e sua conexão com temas próximos que acabam por vezes confundindo-se entre si. Através disto, este estudo está caracterizado como um estudo descritivo-bibliográfico e fenomenológico.

A abordagem fenomenológica permite que a opinião do autor seja introduzida ao trabalho, porém sem alterar a visão dos autores que foram utilizados, sendo assim, esta pesquisa está embasada em análises de diversos autores, mas sem negligenciar a

visão do autor, permitindo que o autor possa concordar ou não com aquilo que foi posto.

A problemática deste trabalho está apoiada no fato de que, muitos arqueólogos ainda fazem conexões rasas, entre os vestígios e o espaço no qual está inserido, observando apenas os aspectos físicos, e por meio destes, adotando “verdades inquestionáveis”, quando na realidade, ainda que o conjunto dessas características forneçam dados, não se pode negar que o profissional possui suas próprias reflexões acerca daquilo que se vê, desta forma muitas vezes falamos pela paisagem, mas não permitimos que ela fale por si.

Quando compreendemos que as criações humanas muitas vezes ultrapassam critérios funcionais e estéticos, é possível tentar compreender o que o vestígio, associado a seu contexto, pode falar, desta forma não atribuímos apenas “meras características”, mas sim, grandes significados.

Não é necessariamente um problema analisar a paisagem por meio de uma perspectiva materialista sendo que, esta abordagem pode dar subsídio a questões de cunho estratigráficos, estéticos dentre outras, o problema surge quando a paisagem é ignorada como um meio de interpretar o passado de uma cultura.

A Arqueologia da Paisagem surge no bojo da Arqueologia Pós-Processual ou Interpretativa como alguns preferem denominar, este termo talvez permita uma visão equivocada sobre este método de análise no campo da arqueologia, principalmente para quem apenas se conforma na leitura do termo e não de sua essência.

A priori, pode-se dizer que a Arqueologia Contextual surge em resposta ao cientificismo exacerbado do Processualismo, que teve como percussor Lewis Binford. Não se pode negar a importância desta visão na leitura dos achados arqueológicos, porém a leitura puramente cronológica estabeleceu quadros analíticos e estáticos, o problema está no fato de que nenhuma cultura pode ser analisada e encaixada dentro de um mesmo padrão.

Muitas críticas foram feitas a Arqueologia Interpretativa e ainda hoje divide opiniões, porém deve-se analisar por meio de um olhar crítico, entendendo que as escolhas humanas estão pautadas não somente nas formas de sobrevivência, mas também em aspectos simbólicos que fazem com que muitas intervenções humanas consolidem-se por meio de uma perspectiva subjetiva, na qual estão agregados os mais variados significados.

A leitura da cultura material sem o aporte de seu contexto não é capaz de tornar compreensível as crenças humanas, tampouco, estabelecer conexões mais profundas entre o ser humano, sua própria criação e seu meio, fornecendo apenas análises superficiais do objeto, mas sem necessariamente esclarecer qual a conexão entre ambos.

O problema abordado neste estudo configura-se na tentativa de compreender as relações entre o homem e o seu entorno por meio de uma perspectiva arqueológica, geográfica e fenomenológica, partindo de uma análise de cunho cultural. A compreensão da paisagem no campo da Arqueologia, trata-se de um dos principais meios para se compreender os aspectos culturais, sociais e simbólicos que permeiam a existência humana.

A Arqueologia da Paisagem é uma área ainda nova e que carece de profissionais que se reportem a este tema, isso não quer dizer que a ideia de paisagem seja algo novo, com o tempo novas teorias e métodos surgem e junto com elas, novos termos passam a fazer parte do seio acadêmico, porém a paisagem sempre esteve presente na vida do homem, ainda que este termo seja relativamente recente.

Uma das características do homem é a adaptação a ambientes dos quais muitas vezes se insere pela primeira vez, a necessidade de sobrevivência e de se sentir detentor do ambiente e parte dele, faz com ele modifique o lugar no qual está inserido, esta mudança não necessariamente acontece através do perfil paisagístico do local, mas a cultura e conseqüentemente as ações que são respostas a essas crenças faz com que se criem modos, práticas e diversos costumes, e isso compromete todo o contexto engendrando as relações entre o homem e seu entorno.

Não se entende a paisagem apenas no âmbito locacional, argumentos objetivos se fazem necessários, porém para entender as relações estabelecidas entre a paisagem e o homem é indispensável ir além da objetividade e da cientificidade, é pender para a essência do outro, entender que aquele espaço não seria apenas um mero local, mas sim, algo que tem todo um contexto simbólico representativo carregado de sentimentos e pertencimento, a paisagem parece simples de ser lida, mas torna-se demasiadamente difícil de ser compreendida, ela exige dedicação e um olhar crítico-científico, mas não desprovido de sensibilidade.

A paisagem deve ser observada dentro de dois vieses, a primeira se reporta a uma questão puramente metodológica voltada para a Geografia e a outra traz uma reflexão entre as relações humanas e a sua cultura, buscando elucidações de como funciona a estrutura social e todos os seus recortes.

O estudo da paisagem impera por meio das relações existentes, por ser uma vertente ainda recente se faz necessário enfatizar a importância da paisagem na leitura dos sítios arqueológicos e mais especificamente na interpretação de hábitos e costumes dos nossos antepassados. Este estudo se faz necessário para fornecer reflexões sobre o uso da Paisagem, seus conceitos e sua importância para a ciência arqueológica, é imprescindível que o homem passe a entender que todos os povos tiveram seus próprios costumes e modos de vida, a mudança cultural que ocorreu e ainda vem ocorrendo em nosso meio, acontece pela necessidade que o homem tem de responder novas questões que surgem em sua mente, assim como, de criar novos meios de subsistência.

Para adquirir tais repostas é de suma importância que se entenda a paisagem e a forma que ela se insere nos sítios arqueológicos e seus significados. Esses questionamentos e outros ainda que sejam difíceis de se entender em bases mais profundas, são passíveis de análise, pelo menos no que diz respeito a uma possível essência.

Partindo desses questionamentos este estudo se justifica pela necessidade que se tem de entender o que é a paisagem e como ela está inserida na Arqueologia, trazendo assim uma reflexão cultural e simbólica sobre o contextos ambientais.

Os objetivos desta análise consistem em compreender os conceitos de paisagem, lugar e espaço por meio de uma perspectiva arqueológica, pautando no viés fenomenológico, que serviu como princípio teórico para a Geografia da Percepção, que buscava centrar suas análises, nos aspectos simbólicos da constituição da paisagem, observando-a através das vivências de quem a observa, neste caso o aporte fenomenológico permite que a interpretação paisagística seja subjetiva, sendo compreendida através das experiências, das intenções, perfis psicológicos, culturais e sociais que cada indivíduo carrega em si.

Para que o objetivo proposto seja alcançado é necessário a análise dos conceitos de lugar, paisagem e espaço, desta forma, é possível compreender de que maneira essas camadas de conectam entre si e as diferenças entre elas. O segundo passo seria explicar como a paisagem ajuda na compreensão dos sítios arqueológicos e os aspectos simbólicos e culturais das estruturas sociais.

A cultura sempre foi um dos principais aspectos que norteiam o ser, pois desde o seu nascimento ele é induzido a aceitar os costumes, praticas, ritos, crenças, hierarquias, entre outros sistemas interdependentes que compõem toda a superestrutura social. O terceiro objetivo deste trabalho é compreender como alguns teóricos buscavam compreender como funcionava as mudanças culturais no seio social, subdividindo-a em material e imaterial, partindo deste princípio tornou-se possível compreender a paisagem dentro de um perfil simbólico e físico.

Os vestígios arqueológicos distribuídos na paisagem permitem que o pesquisador os utilizem como um meio de análise que irá nortear a pesquisa arqueológica. Os vestígios líticos, cerâmicos e os registros rupestres possibilitam ainda que, parcialmente, a compreensão do funcionamento das culturas humanas, por meio desta breve reflexão, este, se tornará um quarto objetivo a ser esclarecido no decorrer desta análise.

Compreende-se como patrimônio tudo aquilo que pertence a uma comunidade, indivíduo ou nação que possua valor cultural ou simbólico. O patrimônio cultural deve-se ser compreendido como um meio de mantimento das culturas, pois eles revelam os aspectos e traços das sociedades. O pertencimento cultural, assim como a memória cultural permitem que determinadas criações humanas sejam carregadas de sentimentos, neste caso medidas de preservação são indispensáveis para a preservação destes patrimônios, permitindo que outras gerações possam conhecer sua ancestralidade. O aprofundamento deste assunto torna-se algo indispensável para entender a importância da compreensão das paisagens culturais, por meio disto, esse assunto configurou-se no quinto objetivo desta análise.

## CAPITULO I - METODOLOGIA

O método de pesquisa aplicado tem caráter bibliográfico/fenomenológico, pautado em textos de diversos autores. “A pesquisa bibliográfica tem por finalidade conhecer as diferentes formas de contribuição científica que se realizarem sobre determinado assunto ou fenômeno” (OLIVEIRA, 1943, p. 119). A fenomenologia, trata-se de um movimento de cunho filosófico que tornou-se conhecido por meio de Edmund Husserl no século XX. Este movimento tem como principal característica sua preocupação em compreender as essências, voltando-se para uma perspectiva existencial como uma forma de compreensão das experiências e o que essas experiências provocam nos indivíduos.

A fenomenologia oferece a possibilidade para compreender a experiência vivida das pessoas de um modo que outras metodologias não o fazem. Ela explica os aspectos mais profundos de uma situação, atentando-se ao humor, sensações e emoções – procurando encontrar compreensão sobre a experiência real e, o que ela significa para os indivíduos, bem como quais implicações ela traz (SIANE et. al APUD ANTHEA<sup>1</sup>, 2015, p. 199).

A utilização do método fenomenológico em diversas pesquisas ainda é algo pouco explorado, talvez isso ocorra pela complexidade da compreensão do método em si. De qualquer forma sua importância consiste na possibilidade de compreensão individual dos fenômenos de acordo com as vivências e a percepção de cada ser, partindo dessa concepção pode-se observar que os fenômenos observáveis podem obter diversas compreensões, logo o método utilizado permite a interpretação de textos a partir das experiências.

Em se tomando o referencial da fenomenologia na trajetória metodológica é pertinente afirmar que os objetos são intencionados pela consciência de um sujeito percebido que vive e interroga as coisas do mundo. E é na experiência desse corpo vivido, no seu encontro com o mundo que se vai buscar a descrição onde se ressaltará, em sua essência, o fenômeno que se estuda. Através do relato do sujeito é que se pretende descobrir como este se percebe como um ser no mundo, o sentido que ele dá às situações em que se encontra envolvido. A sua expressão é o caminho escolhido para descrever a natureza da experiência por ele vivida. (GRAÇAS<sup>2</sup>, 2000, p. 02)

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/viewFile/1002/670>. Acesso em: 06/12/18

<sup>2</sup> Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5gyi8E911Q0J:www.reme.org.br/exportar-pdf/826/v4n1a06.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 06/12/18. Acessado em: 06/12/18

Com base nos princípios fenomenológicos, a análise realizada buscou compreender termos utilizados pela Arqueologia, Geografia e Antropologia, por meio de diversas leituras, porém utilizando-se da visão da autora.

As divisões metodológicas da pesquisa compreendem quatro eixos básicos, sendo cada um deles subdivididos em tópicos, o primeiro eixo consiste na descrição conceitual do termo Arqueologia e todo seu processo histórico até o Pós-processualismo e está pautado na leitura do livro “História do Pensamento Arqueológico” de Bruce Trigger e artigos adicionais. O primeiro tópico irá discutir as noções básicas do espaço geográfico dentro de uma perspectiva filosófica, mais precisamente a Fenomenologia, tendo como base artigos de alguns autores como: Saquet e Silva (2008) e Rocha (2003).

O segundo tópico envolve os conceitos referentes a lugar, fazendo um paralelo entre as diferenciações e aproximações de espaço e lugar, as bases teóricas reportam-se a artigos de Rodrigues (2015), Moreira e Hespanhol. Por fim, o terceiro tópico apresenta os conceitos referentes a Paisagem em duas vertentes, sendo a primeira delas da Geografia Cultural e a outra da Geografia Humanista com bases nos escritos de Bandeira (2017), Chier (2003), Ribeiro (2007), Rocha (2007), Tourinho, Pereira e Fernandes (2011) e Ferreira (2017).

O segundo eixo desta pesquisa consiste na compreensão da Cultura, tendo como base Marconi e Presotto (1992) e em artigos complementares escritos por Gonçalves (2010), Carvalho (2013), Mintz (2009), Oliveira (2014) e Sousa (2012), sendo subdividida em dois tópicos, o primeiro refere-se a cultura material e tem como base o livro de Pré-história do Nordeste de Gabriela Martin (2008) , tendo como apoio artigos complementares de outros autores como Costa (2012) ,Salles (2010), Martin (2008), Ferreira (2003), Alarcão (1995), Miller (2010). O segundo tópico busca fornecer esclarecimentos acerca da cultura imaterial e utiliza artigos de autores como Miller (2017) e Oliveira.

O terceiro eixo consiste na compreensão de vestígio através do livro de Arqueologia Brasileira de André Prous (1992), sendo subdividida em três tópicos, o primeiro discute

---

questões referentes aos vestígios líticos, voltando para Prous (1992) e Martin (2008). O segundo trata-se dos vestígios cerâmicos, e tem como base as análises de Almeida (2016) e Prous (1992). O terceiro e último tópico deste eixo consiste na discussão acerca dos registros rupestres embasando-se em Martin (2008), Prous (1992), Viana e Vasquez.

O quarto eixo desta pesquisa volta-se para explicações referentes a Arqueologia da Paisagem, ainda dentro de uma ótica fenomenológica, mas voltando-se de maneira mais ampla para o campo da arqueologia, baseando-se nos escritos de Fagundes (2009), Oliveira (2007), Sousa (2005), Santos e Souza, Marques (1998), Ribeiro (2010) e Origuela (2018). O primeiro tópico deste eixo discute questões voltadas para o patrimônio paisagístico, e suas divisões a partir dos escritos de Delphin (2004), Ribeiro (2007), Costa e Gastal (2010), Santos e Telles e Iphan (2009). O segundo tópico refletirá acerca da importância do patrimônio e sua preservação, fazendo um paralelo entre as conexões existentes entre este tópico e as noções de memória e pertencimento, através das publicações de Magalhães (2011), Morigi, Salles (2010), Junior (2009), Nogueira (2014) e Nórr (2003)

A importância desta pesquisa justifica-se pela necessidade que há em compreender os termos que aqui foram abordados, assim como suas relações com a ciência arqueológica e como essa relação pode fornecer informações acerca dos sistemas culturais, sejam eles pretéritos ou contemporâneos.

## CAPITULO II ARQUEOLOGIA E PAISAGEM

### 2.1 A Arqueologia

A arqueologia é a ciência que estuda o passado do homem através dos vestígios materiais. Seu principal foco de estudo está pautado na cultura material, acreditando que através desta, é possível esclarecer os diversos hábitos e crenças de culturas remotas já extintas.

Segundo Marconi e Presotto (1991, p. 25):

A Arqueologia (*archaios*, antigo; *logos*, estudo) tem como objeto de estudo as culturas do passado, extintas, que, em épocas remotas desenvolveram formas culturais, representando fases da humanidade não registradas em documentos escritos. Trata-se da tentativa de reconstrução do passado por meio da busca de vestígios e restos materiais não percebíveis e resistentes à destruição do tempo.

O interesse de pessoas de diversas classes sociais pelo exótico, foi algo que sempre esteve presente na humanidade, ainda que este interesse não estivesse pautado exclusivamente no estudo e na análise da cultura material como algo de cunho científico, visto que a beleza dos antigos artefatos era o que mais prendia a atenção de diversos curiosos e intensificou as diversas explorações por parte das pessoas na busca dos intrigantes objetos.

Por volta século XIV começa a surgir na Itália um movimento que ficou conhecido como Renascimento e se alastrou por toda a Europa, nesse momento, a Idade Média passou a ser considerada a "Idade das Trevas" e, conseqüentemente, os seus conceitos e crenças passaram a ser desprezados. O teocentrismo outrora tão marcante, foi gradualmente substituído pelo antropocentrismo, isto é, o homem agora ocupava o lugar central do seu meio, alterando significativamente a concepção religiosa da época e dando origem ao caráter humanista. Essas mudanças proporcionaram uma reestruturação social que refletiu, sobretudo, nos estudos científicos. Os indivíduos ganharam autonomia para questionarem os conceitos transmitidos pela igreja, dentre eles, a difusão do criacionismo e a teoria geocêntrica do universo. Houve o estabelecimento do pensamento crítico-racional, e isto permitiu diversos avanços nas

artes, na tecnologia e demais esferas do conhecimento humano, dando forma às ciências modernas que possibilitou critérios notoriamente científicos.

Nesse contexto nascem os gabinetes de curiosidades, esses eram espaços em que ficavam expostas as grandes descobertas de exploradores amantes do exótico, suas coleções estavam relacionadas à diversas áreas do saber, pois tinham traços que remetiam desde as ciências humanas até as biológicas. Em consequência desses feitos, eram encontrados em exposição objetos como moedas, obras de arte, mapas, livros, etc. Apesar do grande interesse pelas obras e construções clássicas, o contexto nas quais estavam inseridas não era o principal interesse dos intelectuais renascentistas, haja vista que a sua maior preocupação estava voltada para a estética clássica

Segundo Trigger (2004, p. 36,37):

Por muito tempo não foram feitas escavações, no sentido moderno do termo, mas apenas um simples cavar em busca de objetos de valor estético e comercial. As escavações iniciadas nos sítios romanos bem conservados de Herculano e Pompéia; na primeira metade do século XVIII, foram caças a tesouros desse gênero, mas gradualmente firmou-se o desejo de resgatar estátuas e outras obras de arte, acompanhando o interesse pela arquitetura romana doméstica. Entretanto, havia pouca preocupação com o contexto em que as descobertas eram feitas.

Os gabinetes de curiosidades começaram a findar por volta do final do século XVII. Nesse momento uma nova fase estava surgindo e, aliado a isto, o vislumbre pelos enigmáticos objetos carecia de uma perícia mais minuciosa e com bases científicas. A partir do século XVIII dá-se início ao período que ficou conhecido como Iluminismo ou Época das Luzes, em que o ideal racionalista agora se contrapunha ao idealismo exacerbado do período Renascentista, trazendo a luz da razão, do progresso e, principalmente, da cientificidade.

Os ideais iluministas se disseminaram por toda a Europa, porém, a França é considerada como a precursora desse movimento. O Iluminismo rompe com os dogmas do cristianismo, especialmente com relação a antiguidade do homem, colocando-o em um passado mais longínquo, enquanto que na Idade Média acreditava-se que o mundo não teria muito tempo de duração (devido a seu estado de degeneração e depravação

moral), e afirmavam que a origem do homem seria mais recente. A exemplo disso, temos o Arcebispo James Usher, que datou a existência do homem por volta de 4004 a.C.

Em 1859, Charles Darwin publicou o livro "A Origem das Espécies", onde continha estudos que embasavam a teoria da seleção natural, dando margem ao que ficou conhecido como Evolucionismo Biológico, estes estudos baseavam-se na concepção da seletividade do meio ambiente sobre as populações que o habitavam e na sobrevivência do mais apto às imposições do mesmo. Alguns antropólogos como o britânico Burnett Taylor (1832-1937), Lewis Henry Morgan (1818-1881), entre outros, adaptaram os ideais evolucionistas à perspectiva das ciências sociais, dando margem a corrente teórica do Evolucionismo Cultural. De acordo com esta teoria, as culturas deveriam passar por estágios de evolução cultural, sendo que essas mudanças ocorreriam no mesmo tempo e para todos os povos, o estágio máximo que elas deveriam alcançar seria a civilização, onde estava inserido o homem europeu, representando o perfil ideal que todas as culturas deveriam alcançar.

De acordo com Trigger (2004, p. 108):

Um dos maiores problemas com que o evolucionismo cultural se deparou desde o começo foi explicar por que algumas sociedades se desenvolveram mais rapidamente, ao passo que outras aparentemente permaneceram estáticas por milhares de anos. No século XVIII, essas disparidades eram comumente atribuídas a fatores ambientais.

A Arqueologia durante o século XIX ainda não tinha seus próprios métodos de análise, por conseguinte, trouxe para si as concepções e leituras da antropologia, e esta foi compreendida como um de seus ramos. Jonh Lubbock (1834-1913), foi um dos grandes expoentes da arqueologia pré-histórica trazendo a visão evolucionista para a leitura e interpretação da cultura material.

Segundo Trigger (2004, p.112):

Lubbock acreditava profundamente na evolução cultural unilinear. O paralelo por ele traçado entre as analogias paleontológicas e as que se fazem entre povos "primitivos" contemporâneos e povos pré-históricos, mais do que uma inovação metodológica parece constituir uma tentativa de enfatizar a respeitabilidade científica das comparações humanas.

Apesar da aceitação desta teoria, o evolucionismo cultural não conseguia explicar os diferentes desenvolvimentos entre as sociedades. Outro fato que precisa ser mencionado é que a grande maioria dos seus adeptos não concordavam com a ideia de que outras culturas existiam, bem como os diferentes padrões no âmbito social, econômico e cultural deveriam ser respeitados.

Entretanto, a grande maioria dos evolucionistas tem uma concepção antropológica preconceituosa de progresso humano, pois não levavam em consideração as particularidades culturais regionalmente estabelecidas nos assentamentos de diferentes sociedades. (BACO et al., 2009, p. 208)

O evolucionismo cultural começou a findar no fim do século XIX, quando a visão proposta por Taylor começa a se comutar para uma aceitação da variabilidade de culturas e da possibilidade de compreendê-las através de sua produção tecnológica, esta visão ficou conhecida como histórico-culturalismo, um de seus percussores foi o alemão Gustaf Kossinna, seus pressupostos estavam enraizados em uma visão nacionalista, sua crítica era constante as pessoas que se debruçam à leitura do passado clássico, considerando-os com antipatriotas, tendo em vista que o estudo sobre o passado germânico era algo nobre e que denotava amor a seu próprio país, partindo do pressuposto de que os antecedentes germânicos era a única raça legítima.

Segundo Funari<sup>3</sup> (2005, p.01):

Herdeira do nacionalismo do século XIX, a Arqueologia tem no modelo histórico-cultural sua teoria mais difundida. A partir da noção de que cada nação seria composta de um povo (grupo étnico, definido biologicamente), um território delimitado e uma cultura (entendida como língua e tradições sociais), formou-se o conceito de cultura arqueológica. Esta seria um conjunto de artefatos semelhantes, de determinada época, e que representaria, portanto, um povo, com uma cultura definida e que ocupava um território demarcado.

Apesar da visão preconceituosa intrínseca na vertente histórico-cultural posta e disseminada por Kossina, Gordon Childe continuou propagando-a em diversos trabalhos, ainda que o objetivo não consistisse exclusivamente em remontar a linhagem

---

<sup>3</sup> Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:QJjefitS-EJ:https://periodicos.ufm.br/mneme/article/view/267+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 10/07/18

étnica germânica, sua perspectiva estava embasada na interpretação não somente dos dados arqueológicos, como também na leitura e interpretação comportamental do homem. Não obstante fica nítido que a mudança cultural ainda carecia de um paradoxo que esclarecesse a mudança cultural, algo que até o presente momento não havia acontecido.

O Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA) executou diversas pesquisas no Brasil tendo como principal intento desenvolver estudos com o intuito de descobrir quais eram os povos que habitavam o Brasil.

No Brasil entre 1965 e 1970 as pesquisas desenvolvidas durante o "Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas" (PRONAPA) também tentaram traçar as sínteses da ocupação dos grupos tradicionais, ou seja, quais os grupos étnicos que habitaram o território brasileiro, por meio de um esquema cronológico de desenvolvimento cultural, dos conceitos de fase e tradição que compõem em determinados lugares. Essa seria a relação da Arqueologia Histórico-Cultural com a atuação do PRONAPA na Arqueologia Brasileira. (BACO<sup>4</sup> Et.al, 2009, p. 216)

Em meados do século XX um novo paradigma surge intitulando-se como Arqueologia Processual, seu percussor foi Lewis R. Binford, sua análise apresentava uma abordagem minuciosa que buscava entender as vicissitudes culturais e suas funcionalidades apresentando uma análise de cunho crítico.

Segundo Rede (1997, p. 136):

É contra o que considerava como acomodação descritiva e classificatória que a chamada *New Archaeology* se insurge nos anos 1960. Para os novos arqueólogos, a equação entre tipologias de objetos e culturas ou "povos" parecia simplista e insuficiente, e a ambição ampliava-se no sentido de considerar a arqueologia não apenas uma técnica de obtenção de informações, mas uma verdadeira ciência social, cujos esforços deveriam explicar os processos de transformação das sociedades: daí a designação arqueologia processual.

Para Binford, a Arqueologia deveria fundamentar-se nas teorias antropológicas para compreender os processos de mudança cultural e o comportamento humano, evitando uma explicação puramente tipológica dos vestígios arqueológicos. A arqueologia até

---

<sup>4</sup> Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/viewFile/2233/2044>. Acessado em: 10/07/18

então ainda continuava sendo vista apenas como um procedimento para a catalogação de dados, quando na realidade seu objetivo deveria ir para além disso, seria compreender as transformações sociais.

As mudanças culturais deveriam ser encaradas como um processo, desta forma adquiririam um aspecto científico, esse processo deveria ser encarado de forma individual. As partes precisavam ser separadas e estudadas para que se pudesse compreender sua totalidade, percebe-se nesta escola um caráter funcionalista em sua abordagem. Para compreender como as sociedades funcionavam era necessário entender as leis que a regiam

Assim, procura entender qual a energia utilizada para manter esse sistema, quais os mecanismos que o regulam e o que faz esse ter outros componentes. Para tanto, as bases teóricas do “processualismo”, de modo geral, estaria no neoevolucionismo dos antropólogos culturais Julian Steward e Leslie White, no positivismo lógico e na Teoria Geral dos Sistemas<sup>6</sup> do biólogo Ludwig Von Bertalanffy. (BACOS<sup>5</sup> Et.al, 2009, p. 218)

O Neoevolucionismo teve como principais percussores Leslie White e Julian Steward. Assim como a corrente anterior, White estabeleceu um esquema evolutivo, porém este esquema estaria baseada na utilização da energia. As sociedades eram regidas pelo meio do qual faziam parte, sendo de certa maneira limitadas pelas condições que o ambiente lhes impunham. Julian Steward partia do pressuposto de que as culturas deveriam ser estudadas de maneira individual de acordo sua adaptação ao meio, enquanto que White preocupava-se em estabelecer um padrão unilinear de evolução. A importância da arqueologia Processual, consiste na aproximação da Arqueologia com a Antropologia, tornando-a de fato uma ciência que estuda os processos de mudança cultural.

Em 1980 a escola Pós-processual aparece em tom de crítica aos postulados postos pelos teóricos antecessores. Ian Hodder, seu principal percussor, considerava a escola anterior alheia aos aspectos subjetivos das sociedades, aplicando um método científico rígido para análise das culturas, o que sempre resultava em esquemas universais. Para

---

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/viewFile/2233/2044>. Acessado em: 12/07/18

o Pós-Processualismo, as análises realizadas pelos arqueólogos eram subjetivas, já que as sociedades extintas não podiam falar por si mesmas, então toda a interpretação arqueológica possuía a visão de quem a interpretava. Reflexões filosóficas foram atribuídas as teorias da arqueologia contextual, apontando a importância do estudo das culturas em suas dimensões simbólicas.

A partir da noção de que as ciências são construções discursivas, inseridas em contextos sociais, desmontou-se a lógica do Processualismo: os homens não foram sempre e em toda parte capitalistas! Alguns, como Ian Hodder, começaram a ressaltar que havia uma dimensão simbólica na cultura que não podia ser deixada de lado[...]. (FUNARI<sup>6</sup>, 2005, p. 02)

Apesar dos diversos embates que envolveram o estudo da cultura no âmbito da arqueologia, o que deve ser levado em conta é que dentro de um contexto histórico, todas as escolas teóricas surgiram na tentativa de explicar os questionamentos referentes ao estudo dos sistemas sociais, partindo desse pressuposto, é inviável dizer que uma escola se sobressai diante de outra, mas apenas apresentam questionamentos e soluções que naquele momento lhes pareciam viáveis diante dos dados e pesquisas que lhes eram oferecidos.

## 2.2 Espaço

Usando como base a vertente determinista da Geografia Tradicional que estava em voga nos finais do século XIX e meados do século XX, podemos designar a noção de espaço apenas como o próprio nome diz, “espaço”, responsável por abrigar as mais variadas formas de vida, sem no entanto estabelecer conexões entre seus habitantes e a área onde se inseriam, contudo, essa percepção foi perdendo lugar quando notou-se que o homem impactava de forma significativa o meio no qual estava introduzido, engendrando assim relações de cunho social, religioso, político, dentre outros, podendo ser condensado em apenas uma única e relevante sentença, Cultura.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:QJjefitS-EJ:https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/267+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 12/07/18

Compreender o homem como um agente cultural e o espaço enquanto uma área que possibilitasse a manifestação dessa cultura foi uma das bases de reflexão para a Geografia Cultural, que apregoava que o corpo social não era regulado apenas pelo ambiente do qual fazia parte, mas buscava compreender o espaço natural juntamente com as inserções culturais produzidas neste, trazendo uma nova abordagem, que ficou conhecida como paisagem cultural.

Para Saquet e Silva (2008, p. 24): <sup>7</sup>

O espaço consta como matéria trabalhada, constituindo-se num dos objetos sociais com maior imposição sobre o homem, ele faz parte do cotidiano dos indivíduos, por exemplo, a casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam as atividades dos homens e comandam a prática social. O espaço, mais uma vez, é produto e condição da dinâmica sócioespacial.

A relação homem/espaço não é fácil de elucidar, tendo vista que, trata-se de uma relação de troca, em que a ação antrópica sobre o meio ambiente resulta em um novo significado, diferente daquele que se tinha quando o homem não havia estabelecido suas bases em determinado local. O ato de construir uma casa, cursar uma faculdade ou arrumar emprego, faz com que ele, com o tempo estabeleça vínculos com o lugar no qual está fazendo parte, a permanência gera apego, e o apego compõe um significado.

Segundo Santos (2008, p. 67) “O espaço, uno e múltiplo, por suas diversas parcelas, e através do seu uso, é um conjunto de mercadorias, cujo valor individual é função do valor que a sociedade, em um dado momento, atribui a cada pedaço de matéria, isto é, cada fração da paisagem”, o espaço pode ser uno quando analisado em sua totalidade, podendo torna-se múltiplo quando se faz recortes deste, esses recortes para o autor é tido como Paisagens.

Para Yi-Fu Tuan e sua abordagem psicológica, o espaço se confunde com a liberdade, podendo torna-se um lugar, este último ocorre quando é atribuído valor ao primeiro.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://geografiaeconomicaesocial.ufsc.br/files/2016/05/obra-de-milton-santos.pdf>. Acessado em: 15/07/18

## Segundo Yi-Fu Tuan<sup>8</sup> (p.01)

[...]o significado de 'espaço' é mais abstrato do que 'lugar'. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais do lugar; podem igualmente falar das qualidades locacionais do espaço. As ideias de 'espaço' e 'lugar' não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensamos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

A dialética estabelecida entre estas duas instâncias permite estabelecer parâmetros comparativos (espaço e lugar), que permitem diferenciar dentro de uma visão mais ampla, a maneira como podemos compreender o papel do espaço, não mais dentro de um perspectiva puramente objetiva, mas entendendo que o homem molda seu espaço, assim como o espaço influencia o homem, configurando-se em uma relação mútua. O espaço possui recortes que podem se tornar um lugar, contudo, o caráter de seu significado é cíclico.

Cabe aqui uma ressalva, não se pretende desvalidar em hipótese alguma a importância de uma análise materialista, pautada nas características do espaço, contudo torna-se pertinente a importância da leitura de espaço dentro de uma estrutura que possa compreendê-lo em duas instâncias complementares, a objetiva, como vem sendo feita dentro da geografia, mas para além disso trazer uma leitura subjetiva do espaço, onde o homem torna-se parte dele.

Essas duas categorias de análises são viáveis, por que podem apresentar dados e reflexões que se complementam. Ao analisar os sistemas sociais dentro de uma perspectiva puramente de subsistência é o mesmo que negar os aspectos culturais que promovem toda a consolidação da sociedade. Esses sistemas constituem-se também de aspectos ritualísticos e simbólicos que sempre fizeram parte do pensamento humano. Da mesma forma que, pensar o indivíduo seguindo unicamente parâmetros

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:3CW-M0AE7ZIJ:https://ciajgarcia.files.wordpress.com/2011/12/espac3a7o-e-lugar1.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 06/05/18

subjetivos, irá resultar na quebra da lógica de sua subsistência, tornando-o um ser incompleto.

Todo indivíduo apresenta conexões com seu eu exterior (aquilo que está fora dele) e com seu eu interior (aquilo que é percebido por ele), essas conexões interferem no modo como o espaço é moldado e caracterizado, este último deve ser compreendido dentro de uma perspectiva subjetiva onde lhe são atribuídos diversos significados; o espaço de acordo com os pressupostos da Geografia da Percepção, trata-se de algo que está além das noções materialistas postas pelo neopositivismo.

Seguindo os pressupostos da fenomenologia de Husserl, o espaço deve ser percebido através da aplicação da percepção. “[...] A fenomenologia veio para mostrar que o ser humano vê o mundo e seus fenômenos de acordo com a sua cultura, meio ambiente, formação educacional, estado emocional, entre outros fatores que formam seu entorno e seu ambiente” (ROCHA, 2003, p.68). Ainda dentro de uma construção fenomenológica, deve-se levar em consideração que, ainda que os indivíduos agreguem-se a uma cultura, os fenômenos pessoais fomentam diversas construções culturais e individuais, podendo muitas vezes se sobressair diante das experiências coletivas.

O primeiro contato com o mundo se dá através da sensação captada pelos órgãos dos sentidos. A sensação leva a percepção. Pela percepção formam-se imagens que têm significados diferentes para quem os capta, dependendo de sua cultura, tempo histórico situação psicológica, entre outros. A tendência é levar em conta apenas os aspectos concretos, objetivos, das imagens. Porém, os seres humanos são duais, isto é, têm uma visão externa (mundo concebido) e uma visão interna (mundo percebido, mundo subjetivo) do mundo que os cerca. (ROCHA<sup>9</sup>, 2003, p. 67)

Todo espaço trata-se de um espaço material, mas que quando percebido pelas pessoas pode adquirir significados, portanto o espaço deve ser compreendido não em sua dimensão física como até então estava sendo feito, mas por meio dos sentidos, que permitem ver aquilo que está por trás das noções espaciais, esses sentidos são percebidos através das experiências que cada indivíduo acumulou durante sua vida,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/79/76>. Acessado em: 16/07/18

sendo assim, todo espaço é moldado com base nas experiências, logo, o espaço vivenciado é dinâmico por que os significados atribuídos a ele , depende da memória, dos sentimentos e bagagem histórica de cada indivíduo.

### **2.3 Lugar**

Entender a natureza do ser a princípio é algo improvável se considerarmos que tal natureza consiste na essência intrínseca do ser humano, tal essência não pode ser analisada em laboratórios, tampouco ser testada por meio de equipamentos, contudo pode-se tentar compreendê-la por meio das exteriorizações, que é o resultado dos sentimentos e crenças que estão no âmago da sociedade ou do indivíduo, contudo, tais exteriorizações sociais, por vezes exprimem crenças e ideias sociais, porém a essência individual do indivíduo é impossível de ser explicada, diante de sua complexidade e por está em constante mudança, partindo deste pressuposto, compreender o lugar é possível diante de uma perspectiva social e não deve-se encerra-se em si, podendo ser analisada por diversas óticas e obtendo possíveis diferentes interpretações.

Compreender o lugar como uma fração do espaço, onde pode-se compreender as ações humanas, tornou-se algo viável com a Geografia Humanista, que despontou em 1960, até então, o conceito de lugar restringia-se apenas a percepção locacional.

O estudo do lugar passou por mudanças ao longo do tempo com a sucessão das diferentes correntes teóricas da Geografia. Iniciou-se como uma referência locacional e passou a ser, efetivamente, tratado como categoria de análise essencial da disciplina a partir do desenvolvimento dos estudos da Geografia Humanista quando alguns autores desenvolvem uma visão mais profunda e complexa das relações que o sujeito estabelece com o seu lugar a partir das vivências do cotidiano. (RODRIGUES<sup>10</sup>, 2015, p. 5036)

A geografia humanista carrega em sua essência bases filosóficas, principalmente as correspondentes as correntes Existencialistas e a Fenomenológicas, ambas, empenham-se na compreensão da consciência humana e nos sentidos. O homem em si, consegue tornar um espaço em uma fração, que pode-se chamar de lugar, através

---

<sup>10</sup> . Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/473.pdf>. Acessado em: 20/07/18

da exteriorização dos sentidos que está presente na sua consciência, a esta fração é auferido aquilo que o transforma em lugar, o significado.

As relações homem/meio são notadamente profundas, isto fica visível quando se adentra em tais áreas e se observa as inferências antrópicas no meio, o homem experimenta e molda o seu espaço, isto faz com que se crie o sentimento de pertencimento, a partir daí, chamá-lo-á de seu. As relações sociais, as expressões, os ritos, a cultura material e principalmente o cotidiano estreita os laços entre o meio e o homem, [...] “Neste sentido percebe-se que o lugar, em sua atuação adquire características próprias: afetivas, simbólicas, de pertencimento, espaço vivido e que, não está isolado mas numa rede geográfica, constituindo um ponto de ligação, conexão da construção socioespacial” (Stanisk<sup>11</sup> Et.al, 2014).

Percebe-se que a medida em que as pessoas vão construindo lastros, no que concerne principalmente, mas não unicamente, a uma perspectiva subjetiva, os sentimentos se afloram de forma rápida, o que resulta no sentimento de pertencimento. Pertencer a um lugar é mais do que está nele, é transfigura-se em uma parte do todo, é criar vínculos que estão além muitas vezes de uma leitura puramente objetiva, o homem consegue por meio deste sentimento, conhecer o mundo, já que, este mundo é o lugar onde ele quer está.

O sentimento de pertencimento não se associa unicamente as questões temporais, mas sim, nos fenômenos. Os vínculos podem estabelecer-se de inúmeras formas, a temporalidade e a experiência certamente são postas como sendo as mais comuns.

O indivíduo pode residir numa casa por longo período, mas não criar vínculos com o lugar. O mesmo ocorre com aqueles indivíduos que mudam para outra cidade, mas guardam o sentimento de pertencimento com a anterior. A experiência necessita de tempo, mas ele não é o único elemento. A estabilidade, concebida como uma pausa no movimento, possibilita a convivência por um determinado tempo com o lugar. (MOREIRA; HESPANHOL<sup>12</sup>, p. 52):

---

<sup>11</sup> Disponível em: < <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:j8JAYud5HjYJ:e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/download/11154/8417+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 02/08/18

<sup>12</sup> Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6\\_moreira\\_e\\_hespanhol.pdf](http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf). Acessado em: 05/08/18

O tempo em que um indivíduo permanece em um local pode ser um fator para que ele estabeleça uma conexão com seu meio, não obstante, isso não se estabelece como uma via de regra, tendo em vista que, não é incomum encontrar pessoas que permaneçam pouco tempo em determinados lugares e consigam conceber um vínculo demasiadamente profundo, em contra partida , também é costumeiro ter pessoas que permaneçam anos em apenas um lugar e não se apeguem a este, isso se dá pela intensidade da experiência que o indivíduo teve com o lugar, ou talvez a falta dela.

Segundo Rodrigues<sup>13</sup> (2015, p.5041):

Os autores humanistas despertaram, portanto, o interesse pelo lugar, nos estudos geográficos. Seguindo uma atitude fenomenológica, referem-se ao conceito como uma experiência vivida no espaço, considerando os fatores subjetivos do indivíduo vivenciados a partir de uma base material objetiva e da relação com outros sujeitos. Propõem uma visão intersubjetiva, explicitada por Buttimer, como o diálogo entre indivíduo e o mundo vivido. O lugar é então, na corrente humanista, uma categoria central geradora de significados geográficos em constante relação com o espaço abstrato. A partir das ideias humanistas, surgem também críticas e novas interpretações sobre o conceito.

Apesar das críticas que a corrente humanista sofreu quando se adequou a ciência geográfica, não se pode negar a relevância que trouxe para as noções de lugar, permitindo o estudo das relações entre o homem e seu meio, abordando sob um olhar minucioso acerca do valor da consciência humana e como essa consciência molda seu espaço, transformando-o em lugar. Isso evidencia que o lugar só se torna lugar a partir da importância que o homem atribui a ele, logo ambos não podem ser analisados de forma independente. Contudo deve-se entender que, para que o espaço transforme-se em lugar, ele primeiro precisa ser sentido, esses sentidos vão fornecer significações individuais ou coletivas.

## 2.4 Paisagem

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/473.pdf>. Acessado em: 05/08/18

### 2.52.4.1 Abordagem Cultural

A paisagem tem sido um objeto de estudo utilizada em diversas áreas do conhecimento, nas Ciências da Terra e mais tardiamente inserido nas Ciências Sociais, adquirindo assim um caráter polissêmico, ou seja, dependendo da disciplina na qual o termo é empregado seu conceito e metodologia podem variar, de forma que:

Paisagem, enquanto objeto de estudo e categoria de análise ganhou robustez a partir de múltiplas concepções filosóficas e científicas e de distintas abordagens em muitos campos do conhecimento. Atualmente, não resta dúvida que a paisagem é um conceito polissêmico e multivocal, além de ser um poderoso objeto de investigação. (BANDEIRA<sup>14</sup> et. al, 2017, p.105).

Durante a segunda metade do século XX a paisagem era analisada dentro de uma perspectiva determinista, que preocupava-se em limitar o homem a partir do seu meio, recusando qualquer relação entre espaço/homem, tal metodologia obtinha um caráter limitador e generalizador, visto que o homem era refém de seu próprio meio e suas características e seu modo de vida limitava-se ao seu próprio espaço.

Carl Sauer foi um expoente da Geografia Cultural que através de suas análises rebateu o método ambientalista (ou determinista) do século XX, para ele, a paisagem era tida como um produto final da relação entre homem e espaço e analisada através de sua materialidade, estabelecendo aquilo que até então era negligenciado, o homem como parte e modificador do seu próprio meio, corroborando com a visão já posta por Bertrand

Percebe-se, assim, que Bertrand não privilegia nem a esfera natural nem a humana na paisagem e demonstra certa facilidade em enxergar a paisagem de forma homogênea, entendendo que sociedade e natureza estão relacionadas entre elas formando uma só “entidade” de um mesmo espaço geográfico. (SCHIER<sup>15</sup>,2003, p.80)

Dentro desta abordagem, diferencia-se Paisagem Natural de Paisagem Cultural, esta última é moldada por processos humanos perdendo parcialmente suas características

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador/article/viewFile/6438/3858>. Acessado em: 20/08/18

<sup>15</sup> Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353/2689>. Acessado em: 20/08/18

naturais podendo adquirir diversos aspectos culturais, tendo em vista que, diante da sobreposição de outras culturas a paisagem se modifica junto com sua representatividade, tornando-a um objeto de análise dinâmico.

Apesar de contrapor as análises deterministas, a Geografia Cultural fixou-se nos aspectos puramente visíveis e materiais da paisagem, acreditando que ainda que as dimensões simbólicas existem, não seria possível estudá-las, creditando assim seus estudos nas manifestações das culturais por meio da análise de artefatos e aspectos físicos da paisagem.

Segundo Ribeiro (2007, p.20):

(...)Sauer deixa explícito que as dimensões estética e subjetiva da paisagem existem, são reconhecidas, mas não fazem parte do interesse científico, na medida em que não podem ser classificadas e mensuradas. Isso representava a visão corrente das ciências naquele momento, ainda impregnadas pelo positivismo e pela necessidade de estabelecimento de leis gerais

Sem dúvida nenhuma a corrente cultural da geografia promoveu um importante avanço no conceito de paisagem que até então era tido apenas como uma parte do espaço na qual o homem fazia parte mas não o modificava.

A Geografia Cultural volta-se para os aspectos da cultura criando relações íntimas com a antropologia e a Etnologia, possibilitando o estudo dos grupos humanos de maneira mais profunda assim como, colocando a paisagem como o resultado das manifestações culturais, segundo RIBEIRO (2007, Apud. SAUER, 1996) “a cultura é o agente, a área natural o meio e a paisagem cultural é o resultado”, desta forma podemos entender a paisagem como o resultado de toda uma construção social e cultural.

#### **2.4.2 Abordagem Humanista**

Diante do postulado cultural e positivista, atribuído por geógrafos na leitura das paisagens, um novo movimento começava a se formar por volta da década de 70, denominando-se Nova Geografia Cultural ou Geografia Humanista; os geógrafos

humanistas criticavam a objetividade assídua de outros geógrafos que desconsideravam a leitura simbólica das paisagens. A abordagem humanista deu espaço para reflexões subjetivas tomando como base o sentimento, as experiências e a percepção humana dentro do meio

Buscando uma maior compreensão dos ideais dessa linha de pensamento, a Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos. (ROCHA<sup>16</sup>, 2007, p.21)

Tudo aquilo que é expresso na paisagem seria então uma manifestação abstrata, porém oriunda de uma noção simbólica, que refletia uma série de preferências humanas, visto que, nada foi escolhido sem uma intenção de cunho abstrato. Sendo assim, a leitura paisagística apenas em seu caráter estético, explicava a cultura em sua dimensão funcional, mas não o que motivou o estabelecimento de determinadas estruturas. Em busca de estabelecer uma conexão entre a consciência humana e o meio, inseriu-se a abordagem fenomenológica na busca de compreender as experiências humanas como modeladoras da paisagem, sendo assim:

Pelo exercício da redução fenomenológica, retemos no pensamento o que é intencionado enquanto “fenômeno”, enquanto uma idealidade meramente significativa dotada de uma unidade objetiva, sobre a qual incide a análise fenomenológica, a partir da qual se procura explicitar as diferentes significações implicadas na coisa intencionada, bem como as diferentes modalidades de aparecimento desta coisa na consciência. (TOURINHO<sup>17</sup>, p. 74)

A paisagem desta forma seria o resultado da significação que o homem atribuía a esta e tal significado era motivado pela percepção humana. Yi-Fu Tuan foi um dos principais pioneiros no discurso humanista, ele voltou-se para as reflexões entre o lugar e o sujeito, onde tal conexão seria o norteador das relações humanas.

Tuan expõe a constante relação dialética entre homem e lugar – em que este seria uma construção puramente humana – visto que objeto (espaço-ambiente) se revelaria sujeito (lugar) e que os significados decorrentes dessa ligação conduziram as ações humanas. Sendo a natureza do lugar e do espaço

<sup>16</sup> . Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ysD-QiYuV->. Acessado em: 23/08/18

<sup>17</sup> Disponível em: [http://en-fil.net/ed1/conteudo/archives/ed001\\_Diogenes.pdf](http://en-fil.net/ed1/conteudo/archives/ed001_Diogenes.pdf). Acessado em: 25/08/18

relativa, variaria de acordo com a experiência ambiental em seus muitos matizes: cultural, social e histórico. (PEREIRA; FERNANDES<sup>18</sup>, 2011, p.56)

Apesar das discussões entre estas duas correntes geográficas em definir um conceito e uma abordagem metodológica para análise e compreensão da paisagem, não se pode negar que ambas contribuíram de forma significativa naquilo que pretendiam fazer. A abordagem Cultural rompeu com determinismo ambiental e sua imposição total sobre o homem, abrindo espaço para um estudo cultural em que coloca o homem como modificador de seu meio, podendo ser analisada através da cultural material.

Eric Dardel buscou compreender a paisagem dentro de uma perspectiva fenomenológica, corrente filosófica proposta por Husserl, de acordo com a fenomenologia o estudos dos fenômenos (experiências) eram permitiam que o indivíduo compreende-se a paisagem, assim como o espaço dentro de sua própria concepção, o que não significa que a paisagem torne-se refém das concepções humanas, já que ela se revela ao homem, tendo seus próprios significados,

Assim, a ideia de uma paisagem sistematizada e racionalizada perde sentido e ganha compreensão para o que o autor chama de horizonte do sentir: a partir de um corpo-vivo-existencial que experiência. Este parágrafo então nos mostra de que a paisagem possui significado próprio, como aponta o próprio autor: a paisagem fala, é significante de si mesma (não estaria nos sujeitos). Este pressuposto nos faz entender de que a paisagem é expressiva, trazendo significado imanente (se mostra). (FERREIRA<sup>19</sup>, 2017, p. 68)

Logo a paisagem tem suas próprias essências, por vezes percebidas ou não, contudo ela não se anula em si, mas é apreendida por meio dos sentidos, da percepção e da experiência, nesse caso a fenomenologia não busca anular a importância dos aspectos objetivos e subjetivos da paisagem, mas tenta apontar um ponto de equilíbrio entre essas duas instancias por meio da compreensão dos fenômenos. É fato que o indivíduo não pode ser compreendido em sua essência, mas sabe-se que todos possuem uma essência que pode ser vista porém não explicada, ainda que a essência seja intrínseca

---

<sup>18</sup> Disponível em:

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sKZaKOfkE3IJ:https://revistas.ufpr.br/raega/article/download/21758/14161+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 01/09/18

<sup>19</sup> Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a05.pdf>. Acessado em: 02/09/18

ao seu humano, esta se manifesta no mundo, neste caso o eu interior se mostra por meio daquilo que está fora de mim, então a relação homem e paisagem pode-se basear-se por meio dessa conexão, sendo o homem a essência e a paisagem o meio pelo qual essa essência pode ser manifestada, porém não necessariamente compreendida, já que a pergunta chave não consiste em questionar o que é o ser, mas em compreender como ele é, desta forma ele não se esgotaria dentro uma perspectiva objetiva.

Desse modo, as referencias individuais de um sujeito em sua vida cotidiana, em seu universo mundano, lhe confere sempre uma presença original. Tão logo, toda consciência é consciência de alguma coisa. A paisagem enquanto a expressão máxima da ligação do homem com a Terra, diz Dardel (1952/2011), efetua essa própria presença ontológica, mas antes disso, há uma linguagem que se efetua neste encontro. Com isso, entendemos que a paisagem é para a geografia o ato de comunicação do homem com o mundo. Não só viajamos por paisagens, mas dela presenciamos seus signos, sua memória, sua identidade, sua cultura, sua arquitetura, sua tradição. (FERREIRA, 2017, p. 72)

Sendo assim, podemos compreender que o homem não encerra-se em si mesmo, assim como a paisagem também não, ambos possuindo suas próprias essências, porém relacionando-se entre si de maneira íntima, desta forma para compreender a paisagem por meio da análise da paisagem é impossível, mas torna-se possível através da observação daquilo que está por trás dela.

### **CAPITULO III - CULTURA**

Por volta do século XIX diversos estudiosos passaram a preocupar-se com a formulação do conceito de cultura, tornando-a um dos principais objetos de estudo da Antropologia. Um dos primeiros antropólogos a fazer inserção a este termo foi Edward Burnet Tylor; a cultura junto com seus processos de mudança passaram ser alvo de grandes reflexões e diversos métodos que explicassem as modificações culturais ocorridas na sociedade.

No ramo da antropologia, o significado do termo cultura é bastante amplo e pode variar dependendo da escola que cada teórico esteja enquadrado, ainda que muitas vezes estes conceitos não sejam excludentes mais complementares, a causa das mudanças culturais são analisadas a partir de diferentes óticas.

De acordo com o evolucionismo cultural, a cultura corre de maneira progressiva e de maneira igualitária em todo o mundo, qualquer sociedade que não acompanha-se este desenvolvimento estaria retardando seu desenvolvimento. “O evolucionismo Cultural concebe a cultura quando e onde quer que se encontre o seu desenvolvimento progressivo através dos tempos e a sequência básica desse desenvolvimento entre todos os povos da terra” (MARCONI E PRESOTTO, 1991, p. 255)

Com base na ideia de progresso unilinear, Henry Morgan estabeleceu um modelo evolucionista e comparativo como método para diferenciar os estágios culturais em que cada sociedade se encontrava, este esquema tinha como base a tecnologia e os hábitos que determinados povos tinham, na tentativa de entender a evolução da cultura, com base nisso, o processo de colonização europeia fez com que a curiosidade das pessoas consideradas civilizadas se voltasse para os povos nativos, por apresentarem costumes, crenças e valores diferentes eram vistos como estranhos, e inferiores, certamente por não seguirem os padrões impostos pelos padrões sociais europeus que era consideradas as sociedades que já estavam o ultimo estagio evolutivo, que Morgan denominou de Civilização. Esta justificativa foi utilizada como um meio velado de imposição cultural.

Cultura como sinônimo de civilização está subjacente aos estudos realizados por Lewis Henry Morgan (A sociedade antiga, 1877) nos Estados Unidos; Edward Burnett Tylor (A ciência da cultura, 1871) na Inglaterra e James George Frazer na Inglaterra (O ramo de ouro, 1890). Neste contexto intelectual o objetivo posto para a disciplina era a reconstituição da história das origens e dos estágios de evolução da humanidade definidos a partir de uma perspectiva evolucionista e unilinear em: selvageria, barbárie e civilização. (GONÇALVES<sup>20</sup>, 2010, p.63)

Para Morgan, a cultura era o sinônimo de civilização, dessa forma as sociedades que não eram civilizadas, também não tinha cultura, e precisavam começar a caminhar em passos rápidos para que pudessem acompanhar a evolução. A ideia de civilização antecede na Idade Moderna, durante o século XIII na França, as pessoas civilizadas eram aqueles que apresentavam os comportamentos postos pela aristocracia, diferenciando-os da massa populacional, sendo assim, a padronização do comportamento e a morte dos sentimentos, era o perfil básico adotada por pessoas de alta classe.

Primeiramente, vamos abordar o conceito de civilização surgido na França do século XIII, no seio da aristocracia, e que representava a maneira como aqueles membros da sociedade que rodeavam o rei deveriam proceder, sendo difundido por toda a Europa como um comportamento ideal para qualquer membro das cortes europeias. (CARVALHO<sup>21</sup> et.al, 2013, p.34)

É importante ressaltar esta ideia, por que a partir dela pode-se perceber que a imposição de determinados aspectos sobre comportamento humano sempre existiu, os ideais etnocêntricos sempre permearam toda a construção humana a ponto de ser um agente condutor, transformador e aniquilador das diferentes estruturas sociais.

Os nativos indígenas que viveram no Brasil antes da chegada dos Portugueses, assim como os diferentes povos africanos que foram capturados e trazidos a força para o Brasil, foram vítimas deste perfil etnocêntrico que os colocavam em posição de inferioridade em todos os aspectos. A catequese foi um dos métodos utilizados para

---

<sup>20</sup> Disponível em:

<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MYUmvzw6aoAJ:https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/download/1416/1136+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 20/09/18

<sup>21</sup> 2013 Disponível em:

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ahu8Myrb8PgJ:periodicos.pucminas.br/index.php/historiae\\_mcurso/article/download/5344/pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ahu8Myrb8PgJ:periodicos.pucminas.br/index.php/historiae_mcurso/article/download/5344/pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em: 22/09/18

inferir na religiosidade dos nativos, assim como o sincretismo dos santos da igreja católica, tornou-se um meio para que os negros escravizados pudessem associar com os orixás do panteão africano a partir de determinadas similaridades com os santos católicos. Muitos nativos, assim como muitos negros foram mortos e escravizados, o que os fez criar meios de resistência, muitos negros refugiaram-se em quilombos, outros foram obrigados a se adaptar a condição imposta. Com relação aos nativos, deve-se levar em consideração que o total domínio do território, acabou beneficiando esses grupos, ainda assim as mortes dentro dessas duas realidades foram enormes, assim como a perda ou a adaptação de alguns aspectos culturais.

A força da cultura no homem sempre foi um dos motivadores para a resistência. A cultura em si é algo que parte do interior do homem e quando ele manifesta essa essência pode criar ritos, crenças, objetos, simbologias, formas variadas de linguagem e etc. Se analisássemos a cultura como algo totalmente externo estaríamos afirmando sua superficialidade, isso não explicaria o empenho de muitos povos em se manterem em seus contextos, assim como seus próprios padrões sociais. Dessa forma devemos tratar a cultura como algo interno, por vir de dentro; histórico, por ter passado por um processo histórico que resultou na sua consolidação; dinâmico, por estar susceptível as mudanças e externo, por ser algo que o homem sente necessidade de expor como um sinal da sua autoafirmação.

Durante o século XIX, a escola difusionista norte-americana, adota o método historicista para compreender o funcionamento de cada cultura de forma particular. Em oposição ao evolucionismo que partia de conceitos generalizantes, para Franz Boas, um dos principais pilares desta escola, era essencial entender a historicidade de cada sociedade, isso tornaria possível a sua compreensão. Alguns conceitos foram formulados por Boas e ainda hoje são utilizados para como traço cultural, complexo cultural, padrão cultural e área cultural.

Caracterizou-se pela formulação de conceitos tais como traço cultural, complexo cultural, padrão cultural e área cultural (ver item 13.2.2), válidos até hoje; pela pesquisa de campo e pela delimitação do campo de estudo da antropologia, optando pelo estudo de áreas limitadas e pequenas. (MARCONI e PRESOTTO, 1992, p. 264).

A cultura em si possui diversos elementos que a compõe, elementos esses que geram traços culturais, que seriam os aspectos menores que a compõem e os complexos culturais que constituem-se como o conjunto de todos esses traços. Esses traços culturais podem ser tangíveis ou intangíveis, vale ressaltar que mais de um grupo pode ter o mesmo traço, mas a importância que lhe é atribuída pode variar. O eixo central do difusionismo parte do pressuposto de que várias criações e traços podem ser adquiridos por grupos distintos, difundindo-se por várias áreas, esta análise acaba por diminuir a produção inventiva do homem, reduzindo-a a empréstimos culturais, ainda que quando entrassem em contato com uma outra cultura, não sendo as que o criou, possa ter alguns aspectos diferentes.

Boas volta-se para a análise dos aspectos e acontecimentos particulares, delimitados em áreas específicas, negligenciando expectativas universalizantes da cultura, o que o distanciou de forma significativa do evolucionismo cultural.

A preocupação de Boas com os conhecimentos grupais particulares de outros povos – principalmente dos menos numerosos, desconhecedores da escrita e limitados tecnicamente – parece ter contribuído, entre outras coisas, para que os cidadãos das grandes sociedades, poderosas, tecnicamente desenvolvidas e agressivas da América e Europa desenvolvessem uma visão mais objetiva de si próprios. (MINTZ<sup>22</sup>, 2009, p.225).

É provável que esta preocupação de Boas com acontecimentos específicos, se desse pelo receio de que algumas sociedades viessem a desaparecer, sem serem devidamente registradas, nesse período houve uma intensa preocupação com as pesquisas de campo, priorizando os dados primários em detrimento dos secundários, que poderiam facilmente ser adulterados mediante os pré-conceitos de quem os escreveu.

A preocupação dos difusionistas norte-americanos com relação ao método histórico para compreender o funcionamento presente das sociedades, foi algo que a escola funcionalista, que despontou por volta da década de 70, não se deteve, preocupando com o funcionamento do sistema cultural, voltando-se para uma ideia sincrônica dos

---

<sup>22</sup> Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>. Acessado em: 25/09/18

acontecimentos. Para os funcionalista a sociedade era constituída de uma unidade, dividindo-se em partes, como um organismo vivo, em que caso um desses complementos sofresse algum dano, mudaria todo seu sistema. Brownislaw Malinowski e Radcliffe-Brown são dois expoente desta escola, que tem como bases as teorias funcionalista de Émile Durkheim, logo ambos voltam-se para uma visão social ao invés de cultural, priorizando as funções da estrutura como um meio de manutenção da sociedade.

Tomando de empréstimo conceitos da fisiologia concebem a sociedade como um tipo de organismo onde as partes não somente se relacionam, mas também contribuem para a manutenção desse mesmo organismo, nesse caso o organismo social, e sua conseqüente estabilidade; conflitos ocasionados no interior de qualquer sistema social que não for rapidamente resolvido colocaria em risco a sobrevivência desse sistema ou organismo social (OLIVEIRA<sup>23</sup> et.al, 2014, p.240)

Para Malinowski ainda que as sociedades fossem vistas como um organismo vivo, não poderiam deixar de ser observadas dentro de um sistemas que coordena-se todas essas funções, ligando-as a fios que estabelecessem uma conexão entre as instituições. A observação em campo foi um dos métodos utilizados pelo funcionalismo na tentativa de compreender os sistemas culturais dentro da ótica do grupo que estava sendo observado e não do observador.

O relativismo cultural trata-se de um método analítico da cultura, tendo como principal ferramenta a observação em campo do pesquisador, porém destituído de seus próprios conceitos, com isto sua interferência nas pesquisas seriam mínimas e todo o sistema cultural poderia ser relatado de forma fidedigna, este método foi amplamente utilizado tanto pela escola difusionista norte-americana, quanto pelo funcionalismo e o estrutural-funcionalismo. Este último seria uma continuidade à visão funcionalista, que tinha como percussor Radcliffe Brown, as extensões dadas a escola funcionalista por Radcliffe Brown, seriam basicamente a leitura das partes interdependentes como um meio de mantimento da estrutura social e leva em consideração não somente as necessidades humanas, mas apega-se também as condições que eram fornecessem uma existência coletiva e harmônica.

---

<sup>23</sup> Disponível em: [http://www.revistadialogos.com.br/Dialogos\\_11/pdf/Radcliffe\\_Emanoel\\_Iolanda\\_Adjair.pdf](http://www.revistadialogos.com.br/Dialogos_11/pdf/Radcliffe_Emanoel_Iolanda_Adjair.pdf).  
Acessado em: 28/09/18

[...]o funcionalismo defendido por Malinowski partia da lógica interna onde o indivíduo era protagonista nas relações sociais estabelecidas em sociedade; para o estrutural-funcionalismo de Radcliffe-Brown, o indivíduo é coagido pela estrutura, ou seja, pelas relações sociais estabelecidas no âmbito da coletividade. Enquanto Malinowski parte em sua análise funcional da sociedade do indivíduo (lógica internalizada), Radcliffe-Brown parte da análise do coletivo e este agindo sobre o indivíduo (lógica externalizada). (OLIVEIRA et.al, 2014, p.240)

Desta forma, fica evidente que enquanto o funcionalismo colocava o homem na condição de agente mediador as relações sociais, o estrutural-funcionalismo o via como um indivíduo constantemente coagido pela estrutura e pela coletividade.

A escola que atualmente predomina o campo antropológico é o estruturalismo. O termo estrutura já tinha sido empregado como Radcliffe Brown, porém Lévi-Strauss, o percussor da escola estruturalista, passou a utilizar este termo quando escutou do linguista Ferdinand Saussure o termo sistema, e com base neste termo passou a usar a palavra estrutura, porém obtendo a mesma noção básica de sistema. Lévi-Strauss permanece com algumas das noções básicas do funcionalismo, já que ambos desenvolveram na mesma época, a primeira delas é que qualquer fator seja ele de ordem externa ou interna que venha a modificar os elementos estruturais, todo o sistema é modificado como em um efeito dominó.

A novidade da abordagem estruturalista de Lévi-Strauss reside na ênfase que coloca nas próprias relações e não na natureza dos termos - os objectos trocados -, mediante os quais se estabelecem as referidas relações. Estas relações devem ser estáveis para evitar o afundamento do sistema, que releva de um conjunto de constantes relacionais estabelecidas entre os indivíduos e os grupos que formam o sistema. Lévi-Strauss chama estrutura social a este conjunto de constantes ou invariantes relacionais. (SOUSA<sup>24</sup>, 2012, p. 02)

A preocupação do estruturalismo de Lévi-Strauss está voltado de maneira mais íntima para os aspectos subjetivos- relações sociais- que ajudam a manter a estrutura de forma coesa. Uma troca de presentes poderia ser por exemplo uma regra ou um costume social constantemente efetuado por um grupo, porém sua importância não

---

<sup>24</sup> Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:CV2m7M4MAyIJ:desenredos.dominiotemporario.com/doc/15-ens-JSaraiva-LeviStrauss.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 10/10/18

residiria na troca do objeto, mas na relação posta pelo ato em si, sendo assim Lévi-Strauss trazia uma abordagem mais subjetiva dos fatos quando tentava compreender o significado de determinadas ações entre os indivíduos.

Todas as sociedades possuem seus próprios sistemas culturais e compreendê-los é algo complexo que muitas vezes torna-se falho, visto que, o olhar do outro é sempre algo duvidoso, talvez tenha sido por isso que a análise empírica tenha sido tão abrilhantada como um meio de entender os processos culturais, para longe de qualquer questionamento, em pleno século XIX, sabe-se que os fatores culturais podem ser diferentes, porém todas as sociedades possuem uma estrutura relativamente semelhante, dito isto, fica mais do que óbvio que cada povo possui suas próprias leis, costumes, crenças e hábitos e para compreendê-los seria necessária uma análise anacrônica dos fatos, o que dificulta em parte todo o processo.

Para entender uma cultura é preciso conhecê-la a fundo, tendo consciência de que ainda assim, talvez não se consiga um pleno entendimento de seu funcionamento, de qualquer modo, o respeito diante de todas essas estruturas é algo que precisa ser levado a diante, já que nenhuma sociedade obrigatoriamente precisa ser igual a outra.

### **3.1 Cultura Material**

Atualmente as classificações culturais são diversas, entre elas, a cultura material é uma das mais estudadas pois por meio dela torna-se possível analisar hábitos de antigas sociedades. Muitas dessas subdivisões diferenciam a maneira como muitas sociedades expressavam sua cultura, ainda que todas as sociedades possuam seus próprios sistemas concretos e símbolos.

A cultura material seria os testemunhos físicos que remetem ao passado e também ao presente, estes testemunhos carregam dentro de si os elementos culturais das sociedades, tais elementos permitem que a história possa ser muitas vezes interpretada partindo da análise e contextualização da cultura tangível. Os diversos objetos são produzidos unicamente pelo homem e por meio dele lhe é atribuído diversos

significados e características próprias. Estas características podem ser sociais, seguindo um padrão posto pela estrutura, ou individuais, quando é atribuído ao objeto apenas características que conferem com as crenças ou estilo de quem o fez.

É certo que os diversos significados possuem aspectos dinâmicos, seja por mudanças tecnológicas, alterações estruturais ou por meio das relações sociais.

[...]Integrantes da cultura erudita e popular, material e imaterial, importa entender que os bens culturais são social e historicamente produzidos e apropriados pelos homens, que lhes dão forma, conteúdo, função e sentidos diversos, de acordo com as épocas e as necessidades do instante passageiro. (COSTA<sup>25</sup>, 2012, p.)

O sentidos são mutáveis, passageiros e por vezes substituídos quando está diante de uma outra realidade, isso influencia na estrutura cultural, gerando grandes impactos. Tais mudanças não ocorrem de maneira rápida, mas adquirem novos olhares a medida que o tempo passa e outras gerações começam a surgir.

Dentro da arqueologia os bens culturais sejam eles imateriais ou materiais, são passíveis de estudo já que muitas vezes o vestígio ou a manifestação cultural é o único meio de análise de diversas culturas, os remanescentes dessas sociedades muitas vezes recorrem a essa busca cultural na tentativa de preservar sua identidade

[...]esse processo de busca, implica dizer que o indivíduo contemporâneo vê no passado uma chance de se identificar, conhecendo-se melhor, a fim de compreender seu papel dentro da realidade em que vive. Neste sentido, a identidade foi e é construída e reconstruída a partir das formas de convivência dos diversos grupos sociais que podem estar divididos dentro de uma mesma cidade. (SALES<sup>26</sup>, 2010, p. 02)

A concretização da cultura ocorre por meio da capacidade criativa dos indivíduos em criar determinados objetos para diversas funcionalidades e mais tardiamente atribuindo a eles diversos simbolismos. A cultura material é importante para os grupos humanos por ser um meio pelo qual sentimentos, crenças, hábitos e costumes podem ser

---

<sup>25</sup> Disponível em: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0430-50272012000100001](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272012000100001).  
Acessado em: 01/11/18

<sup>26</sup> Disponível em:  
<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/74/PRATICAS%20URBANISTICAS%20E%20PRESERVACAO%20PATRIMONIAL%20NO%20BRASIL.pdf>. Acessado em: 06/11/18

expressos para outrem. Assim como a linguagem, os objetos falam por si e evidenciam seus agentes criadores.

O objeto arqueológico, seja ele instrumento, artefato, fragmento ou registro do que se tem chamado cultura material, é um documento sobre os grupos humanos pré-históricos, de sua organização social e familiar, dos costumes, ritos, lutas, alimentação e vida espiritual. De restos arqueológicos orgânicos e inorgânicos deduzimos comportamentos, formas de vida e lutas pela sobrevivência humana. (MARTIN, 1999, p.136)

Os povos do Antigo Egito tinham o costume de que quando morressem levarem consigo seus objetos pessoais, e em alguns casos, seus servos eram mortos para que o acompanhassem para a outra vida depois da morte, isso demonstra o apego humano aquilo que ele criou ou manteve consigo durante toda sua vida, pegar um determinado objeto de alguém sem a devida permissão pode causar raiva ao dono, talvez não pelo objeto em si, mas pelo sentimento que foi colocado neste objeto desde o momento em que se passou a tê-lo, a partir disto criamos a noção de pertencimento, este tipo de pertencimento vai além do sentido de sentir pertencente a uma comunidade, mais de ter algo unicamente seu. A palavra “dono” carrega um peso muito grande, pois através dela percebemos que além do sentimento embutidos nos objetos, também temos o sentimento de posse.

No campo da arqueologia o estudo da cultura material é amplamente utilizado, principalmente quando não se tem os registros escritos como fonte de pesquisa, ou quando estes se encontram em péssimas condições e por vezes por ocorrer de as fontes materiais não coincidirem com o que está registrado.

No que diz respeito ao uso da cultura material como fonte, Rede salienta que muitas vezes ela é utilizada quando os documentos escritos são precários, sendo vista como um documento de segunda categoria, no entanto Rede aponta a importância do uso desse tipo de fonte, uma vez que esta “fala” pelo fato estudado de forma mais direta, sem a intervenção de um interlocutor, como no caso dos documentos escritos, mas o autor destaca o fato de que a experiência sensorial não exclui a necessidade de interpretação por intermédio do pesquisador [...] (FERREIRA<sup>27</sup>, 2013, p. 156)

Geralmente ao objeto lhe é atribuído características físicas e funcionalidades, porém o objeto além de ser a materialização da cultura, também possui seus significados,

---

<sup>27</sup> Disponível em: <http://www.pibidhistoria.pr.anpuh.org/anais/2013/54.pdf>. Acessado em: 07/11/18

tornando a diferença entre material e imaterial uma linha tênue, isso ocorre pelo fato de que os objetos promovem muitas vezes respostas acerca das relações culturais, hierarquias sociais, sexo, dentre outras.

Qualquer objecto do mundo, diz Barthes, pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral” (1988:181); isto é, qualquer objecto pode falar. E pode fazê-lo porque os objectos são socialmente úteis. O objecto é aquilo de que o homem se serve para alguma coisa; o objecto está aí, em situação de ser usado ou à espera de alguém que se sirva dele. O objecto remete por conseguinte para um utilizador, de quem fala: este cinzeiro, em cima da minha mesa, diz que eu fumo; este livro, em cima da cadeira, na sala do amigo que visito, diz-me que ele lê e o que lê. (ALARCÃO<sup>28</sup>, 1995, p.06)

A materialização pode não corroborar com análises mais profundas, já que o homem expressa aquilo que lhe convém e nem sempre isso lhe é permitido, então podemos assegurar que as relações sociais apenas revelam os padrões impostos pelas sociedades, que são adquiridos por meio de um processo de endoculturação, o que não impede que mais tardiamente venham a ser contestados.

Compreender as relações que são travadas do menor componente (indivíduo), para uma maior (sociedade) é algo complexo e muitas vezes impossível, isso é ocasionado pela falta de fontes orais, logo a arqueologia e a cultura material possibilita a análise do macro, mas não se aventura em algo mais interno, já que a internalização de cada um é algo tão profundo que sua manifestação pode gerar transtornos sociais.“[...] Para começar a examinar a questão aparentemente vasta do que é a materialidade, é melhor admitir que, seja o que ela for, é algo que, às vezes, profundamente, não queremos ser” (MILLER, 2010,p. 106).

De acordo com o livro “Antropologia, Uma introdução”, de Marconi e Presotto, as variações da cultura material podem abranger as habitações, transportes, indumentária, adornos, recipientes, instrumentos e armas. Cada um desses item são modificáveis de acordo com o tempo e a cultura, as condições ambientais também influenciam em muitas escolhas. Com o desenvolvimento dos grupos humanos, a necessidade de se manter por mais tempo em um local, permitiu que os hominídeos pudessem estabelecer suas primeiras moradias, assim como também o desenvolvimento da agricultura, as

---

<sup>28</sup> Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105\\_02.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_02.pdf). Acessado em 12/11/18

primeiras habitações, cada grupo optava com características e composições diferentes das casas. Não precisamente essas habitações eram criações humanas, já que por vezes o homem utilizou seu meio natural para manter-se, as pinturas e gravuras rupestres encontradas em abrigos e cavernas.

Entre os povos sedentários as cabanas eram mais comuns e podiam possuir diversos formatos, os objetos que haviam nessas habitações possuíam variações a depender do grupo, das condições climáticas, das necessidades e também das próprias preferencias.

Tipo de habitação que predomina entre os povos sedentários. Possuem os mais diferentes formatos – quadrada, retangular, circular, ovalada, oblonga – e diversos tamanhos. Os tetos podem ser planos, cônicos, com alvéolos, em forma de sela etc. Fazem-se paredes de madeira, ervas, ramos flexíveis atados em cima, junco, esteira, argila etc., revestidas, às vezes, com barro, excremento de animais, pedras etc. (MARCONI E PRESOTTO, 1992, p.182)

Outro tipo de cultura material muito analisada pelos pesquisadores são os vestuários e adornos das diversas sociedades, sua importância consiste no fato de ser possível avaliar as posições sociais, estado civil, idade e etc., os adornos seguem esse mesmo padrão, com exceção do sexo já que em muitas sociedades homens tinham costumes de usar bastante acessórios como uma maneira de demonstrar riqueza e autoridade social.

### **3.2 Cultura Imaterial**

Entende-se por cultura imaterial as manifestações abstratas expressas por uma sociedade. Refere-se a elementos intangíveis da cultura, que não têm substância material. Entre eles encontram-se as crenças, conhecimentos, aptidões, hábitos, significados, normas, valores (MARCONI e PRESOTTO, 1992, P. 46). Quando pensamos em cultura material costumamos assemelha-la somente aos aspectos físicos expressos pelas sociedade, como objetos, indumentárias, acessórios, dentre outras

coisas; porém assim como determinadas criações de ordem concreta possuem fatores abstratos, o mesmo pode ser posto para a cultura imaterial.

O imaterial refere-se aos comportamentos, crenças, valores, ritos e etc., muitas vezes sentimos necessidade de expressar essas abstrações por meio de coisas concretas, sendo assim a divisão entre material e imaterial é muito tênue, não necessariamente estando desvinculada uma da outra. Toda organização social possui suas regras, valores e crenças e todos e os indivíduos que compõem essa estrutura precisam compreender e agir de acordo com os padrões culturais, o que não significa que em determinados casos não haja uma resistência por parte de um ou alguns indivíduos.

Sabemos que a pessoa só se humaniza se interagir com os demais seres humanos. É a sociedade que, normalmente, estimula a pessoa a desenvolver suas potencialidades. Além disso, a elaboração da cultura supõe uma interação entre o indivíduo, a sociedade e o ambiente onde ele vive. Normalmente o ser humano tem o seu comportamento modelado pela sua cultura, a qual é geradora de personalidades. (OLIVEIRA<sup>29</sup>, p.06)

A cultura imaterial é considerada como cultura quando as manifestações ou os objetos adquirem significados, geralmente os significados de determinadas manifestações é padrão para todo o grupo. Nas sociedades não letradas, os ensinamentos eram passados por meio da oralidade, e o indivíduo crescia absorvendo as crenças passadas de geração em geração. Porém quando partimos do indivíduo para a sociedade percebemos que apesar dessa estrutura de crenças, os sentimentos diante de determinados aspectos culturais podem e geralmente variam de um para o outro podendo torna-lo coeso ou não.

[...] os símbolos não são propriamente o que produz a coesão nos agrupamentos, mas o sentimento produzido pela manipulação desses símbolos através dos rituais; os sentimentos e ideias coletivas que são os elementos de coesão, se conservam e se reafirmam em intervalos regulares. A coletividade ao reafirmar seus sentimentos através dos rituais pode renovar ou incorporar outros símbolos através da dinâmica social, mas o sentimento e as ideias permanecem. (MILLI<sup>30</sup>, 2017, p.04)

<sup>29</sup> Disponível em: <http://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/OconceitoantropologicodeCultura.pdf>. Acessado em 16/11/18

<sup>30</sup> Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yRx1CEBQVRIJ:periodicos.ufes.br/scs/article/download/18409/12365+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 16/11/18

É por meio da imaterialidade que ações criativas acontecem, a imaterialidade neste caso se refere as questões abstratas da mente, como o pensamento que passa pela mente do homem, esse primeiro pensamento é o que permite que ele produza algo, essa produção vai refletir essas crenças e valores, justamente por isso sua importância precisa ser enaltecida como um fio condutor para as criações humanas.

Para Hoebel (In Shapiro, 1966:217) apud MARCONI; PRESOTTO, 1992, p. 46

a cultura não material “consiste no comportamento em si, tanto manifesto (atividade motora) quanto não manifesto (que se passa no íntimo das pessoas)”. Muitas vezes, a cultura imaterial encontra-se em perfeita fusão com a material. A cerimônia de casamento, por exemplo, apresenta os dois aspectos.

Sendo assim, todo indivíduo produz sua própria cultura, ainda que muitas vezes ela não seja expressa a toda comunidade, e nem por meio de manifestações artísticas, religiosas ou até mesmo concreta. Compreender os aspectos simbólicos que compõem a realidade material não é tão simples, já que são de ordem abstrata.

O estudo dos símbolos é algo que apenas a observação de ritos não é o suficiente, já que parte de três visões, duas elas apresentaram distorções já que partem de uma visão externa a sociedade.

Um pesquisador ao observar rituais não poderá apreender o significado dos símbolos apenas observando, ele deve buscar o significado dado a esses símbolos pelos participantes do ritual. No que se refere às estruturas e propriedades dos símbolos rituais, eles se apresentam em três tipos, a saber: formas externas e características observáveis, interpretações dadas por especialistas e leigos e os contextos significativos amplamente elaborado pelo antropólogo. (MILLI<sup>31</sup>, 2017, p. 05)

O método da observação muitas vezes não alcança os significados de um ritual, isso ocorre por que o observador apenas observa o resultado do processo, mas não o acompanha desde sua formação, logo não poderá fazer inferências a respeito do seu significado, devendo recolher os relatos das pessoas da própria comunidade.

---

<sup>31</sup> . Disponível em:

<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yRx1CEBQVRIJ:periodicos.ufes.br/scs/article/download/18409/12365+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 16/11/18

A cultura imaterial é produzida em todas as estruturas sociais e sua importância consiste no fato de que ela reconta a história de culturas que antecederam as atuais. O dinamismo cultural permite que diversos hábitos, crenças e costumes adquiram novas leituras, contudo essa mudanças muitas vezes ocorre de maneira lenta e variabilidade cultural ocorre sem que muitas vezes possa ser percebida, quando há uma preocupação em reconhecer determinadas manifestações como patrimônio é colocada a responsabilidade da manutenção dessa cultura, mas antes disso , os mais jovens precisam conhecer os costumes de seus ancestrais, até como um meio de recuperação da sua memória e preservação da sua identidade cultural.

## CAPITULO IV - O VESTÍGIO

O estudo dos vestígios para a arqueologia serve como base para definição de culturas já extintas. Os vestígios seriam fragmentos de fabricações humanas que conseguiram resistir as intempéries físicas, químicas ou biológicas. A matéria prima dos vestígios arqueológicos pode variar, podendo ser de madeiras, ossos, líticos, cerâmicas e etc.,

Consideramos vestígios arqueológicos todos os indícios da presença ou atividade humana em determinado local. Para se inserir tais vestígios no contexto ecológico (clima, vegetação, fauna, proximidade da água), preciso preocupar-se também com os restos indiretamente ligados ao homem, mas que revelam em que condições ele estava vivendo. (PROUS, 1992, p.25).

No livro denominado “Arqueologia Brasileira”, de André Prous, ressalta a divisão dos vestígios, arqueológicos em duas categorias: diretos e indiretos. Os vestígios diretos, são vestígios de ordem material, que conseguiram resistir ao tempo, justamente por isso sua matéria prima tende a ser mais resistente, como a cerâmica e a pedra. É importante ressaltar os tipos de solos que podem corroborar ou danificar os vestígios, este último caso geralmente ocorre quando se trata de solos ácidos que acabam corroendo toda o vestígios causando sua perda total ou parcial.

Os vestígios indiretos tratam-se de supostos vestígios que não são encontrados nos sítios, mas que pelas condições do local ou por meio de outros objetos encontrados, pressupõe-se a existência de outros objetos, ainda que não estejam no local. “Vestígios sugestivos são, entre outros, pilões ou mós, que indicam a coleta de vegetais a serem triturados, mesmo se estes não forem encontrados durante a escavação” (PROUS, 1992, p.26).

O estudo dos vestígios deve estar associado a todo conjunto arqueológico, permitindo a análise de todo contexto, caso o contrário os objetos permitem apenas uma leitura tipológica ou de seriação. “A simples classificação de objetos não leva a lugar nenhum se não serve para se alcançar o conhecimento dos fatos humanos e do comportamento socioeconômico” (MARTIN, 2008, p. 155). Desta forma assim como o vestígio material móvel, todo o contexto arqueológico deve ser visto também como um vestígio já que,

além de ser imprescindível para a análise do material arqueológico, também apresenta marcas que evidenciam aspectos culturais e sociais.

#### 4.1 Lítico

Os instrumentos feitos em pedra foram uma das primeiras invenções humanas, a princípio obtinham um aspecto mais rústicos e foram desenvolvendo-se a medida em que o homem começava a possuir outras habilidades e de acordo com necessidades que começavam a surgir. Para que o homem pudesse fabricar seus objetos, ele deveria passar por algumas etapas até chegar a seu objetivo principal. O primeiro passo consistia em saber o que ele pretendia fazer e qual era a finalidade, a partir disso seria possível escolher a matéria prima adequada para o lascamento, retoque e por último o uso.

O processo de lascamento consiste na retirada de lascas de um núcleo, este núcleo seria uma rocha maior que possibilitasse a retirada de uma menor. A escolha do batedor era essencial, já que seria por meio dele que as lascas seriam retiradas. A depender da escolha de cada grupo todo o córtex era retirado para poder começar a moldar a matéria prima, atribuindo a ela a forma desejada. Os retoques era o último passo para a finalização da peça, estes retoques poderiam ser retirados por meio de percussão direta, ou por pressão; este último permitia que o fio de corte da peça adquirisse denticulações que geralmente serviam para serrar o couro ou cortar a carne, geralmente a matéria prima para retoque consistia no uso de ossos. É importante ressaltar a importância na escolha do batedor, ele deveria ter uma matéria prima mais resistente do que o núcleo ou lasca a ser impactado, caso contrário isso implicaria na quebra do batedor ou percutor.

O lascamento pode ser realizado com um batedor *duro*, de pedra: geralmente um seixo, de preferência resistente (para não lascar), ou então que não apresente quinas frágeis. A fim de obterem certos resultados, o uso de percussão 'leve' poderá ser melhor, juntamente com um batedor de madeira, de chifre de veado ou do osso da canela de algum mamífero. Enfim, retoques finos, a percussão pode ser substituída pela *pressão*, aplicada a um *retocador* ou *compressor* (geralmente a ponta de um chifre). (PROUS,1992, p.67)

Os objetos líticos podem ser definidos pelo seu uso, função e pela maneira como foi fabricado, alguns objetos líticos possuem mais de uma função, podendo ser considerados como multiferramentas.

As divisões dos objetos líticos podem ser feitas atendendo-se a seu uso e função ou também a partir da técnica empregada na sua elaboração. Com exceção dos implementos bem caracterizados, destinados a determinado uso, como as pontas de projétil, muitos dos objetos líticos poderiam ter funções múltiplas (cortar, alisar, raspar e também furar, que podem ser realizadas por um único instrumento). (MARTIN, 2008, P. 164)

Em escavações realizadas no Piauí, foi encontrado no Sítio do Meio um machado polido, que data de 9200BP, este achado se tornou importante graças a sua considerável antiguidade. O polimento é uma técnica que pode ser realizada em todos os tipos de rochas e ocorre por meio de abrasão, muitos acreditam que o lascamento é anterior ao polimento, contudo as duas técnicas foram desenvolvidas de maneira equivalente.

[...] esfregando uma pedra sobre o polidor pelo menos tão duro quanto ela, com ajuda de um abrasivo (areia rica em sílica) e de frequentes lavagens com água. O polimento permite a obtenção de gumes resistentes, biconvexos, criando também um resultado estético relevante, já que uma superfície brilhante e regular parece frequentemente ter sido mais valorizada que uma superfície lascada. (PROUS, 1992, p. 77).

A identificação da função dos artefatos não é algo simples, nem sempre a forma das peças indica sua função. A análise dos micro vestígios encontrados no gume, permite compreender a sua utilização, assim como a comparação com objetos fabricados, utilizando a mesma matéria prima.

Por isso, cada vez mais, a identificação do uso passa pelo estudo dos microvestígios [SIC] porventura visíveis nos gumes dos artefatos (quando estes não são nem patinados nem queimados), e sua comparação com padrões encontrados em objetos fabricados pelo arqueológico com a mesma matéria-prima e empregados por tarefas variadas. (PROUS, 1992, p.83)

Diferente dos arqueólogos históricos que geralmente fazem suas análises com base em estruturas e escritos históricos, os arqueólogos que estão voltados para a pré-história precisam ter um olhar voltados para fragmentos e objetos menores, geralmente em áreas de médio ou difícil acesso, dificultando muitas vezes a visualização dos vestígios

arqueológicos. A análise dos vestígios realizadas em laboratório exige um olhar minucioso, já que muitas vezes o tipo de artefato não é claro o suficiente, fatores externos também comprometem as características físicas da peça, como a patina que recobre as marcas de lascamento, dificultando a análise, partindo desse pressuposto pode-se afirmar que apesar dos materiais líticos serem mais resistentes que a cerâmica e as gravuras rupestres, a sua análise exige mais do arqueólogo.

## 4.2 Cerâmica

A produção cerâmica por parte dos nossos antepassados demonstra uma preocupação com questões estéticas e também ritualísticas. As primeiras cerâmicas eram fabricadas através do molde da argila, aditivos e mais tardiamente a queima por meio do fogo. O desenvolvimento da cerâmica desponta a partir do período Neolítico, isso ocorre pelo fato de que durante o Paleolítico, os grupos eram menores e os materiais fabricados em pedra facilitava a locomoção desses povos, com o modo de vida sedentário, foi possível o desenvolvimento da tecnologia.

Preferências estéticas e também culturais eram estudadas através da decoração e na forma das vasilhas cerâmicas, o antiplástico que compunha a argilas também podia variar de acordo com a cultura. Na região da Amazônia, localizada na margem direita do rio Tapajós, desenvolveu-se uma cultura que ficou conhecida pelo nome de Santarém. Essa cultura pré-colonial chamava atenção pela sua complexidade artística e pelo seu desenvolvimentos cerâmico. Prous (1992), relata que os únicos elementos disponíveis para se compreender a cultura Santarém, são os artefatos, ainda que estes sem encontrem fora do seu contexto.

A tentativa da arqueologia é de levantar um documento histórico a partir destes objetos, mesmo por fragmentos, da forma mais fidedigna possível. A cerâmica dentre estes achados se encontra em posição superior, principalmente por ser produzida de uma matéria que não perece com o tempo. Como se sabe maior parte dos artefatos/objetos indígenas são confeccionados a partir de matérias

primas obtidas na própria floresta que, por conseguinte tem alta perecibilidade. (ALMEIDA<sup>32</sup>, 2016, p.92).

A dureza do objeto cerâmico, ainda que seja razoável em relação ao lítico, torna possível sua preservação. Por meio de suas características, a cerâmica Santarém pode ser analisada e dela ser extraídas informações, desde a escolha pelo estilo, até possíveis posições sociais dentro da estrutura social indígena.

No estado do Pará, mais especificamente na Ilha de Marajó, desenvolveu-se um estilo cerâmico que ficou conhecido pelo nome de fase marajoara, vale a pena ressaltar que muitos estilos cerâmicos eram divididos em fases, essas fases variavam de acordo com os grupos que ocupavam a região. Apesar das sucessivas fases de ocupação por várias etnias indígenas, na ilha de Marajó, “[...]este fato não culminou em sucessivas mudanças estilísticas que implicassem em uma total diferenciação entre uma fase e outra”. (ALMEIDA, 2016, p.103). Cinco fases ocuparam a ilha de Marajó: Ananatuba, Mangueiras, Formigas, Marajoara e Aruá. Muitas das fases que se desenvolveram entre os grupos amazônicos eram muito parecidas, isso poderia ocorrer pelo contato que haviam entre si.

A Etnoarqueologia é um campo da arqueologia que auxilia na interpretação e na coleta de vestígios arqueológicos durante a pesquisa. A comparação etnográfica trata-se de um método utilizado para comparação tecnológica, no que tange a cultura material. “O arqueólogo não pode pensar como os homens que deixaram os vestígios que tenta interpretar, mas pelo menos deve ser capaz de entender que haja sistemas de pensamentos distintos, também lógicos, e aplicados a condição de vida que mal conseguimos imaginar” (PROUS, 1992, p.25).

A comparação etnográfica pode ser utilizada como um meio de compreender as diversas fases ceramistas no Brasil, ainda que não se possa compreender de forma absoluta as escolhas culturais e tecnológicas de um grupo para o outro, por meio da etnoarqueologia é possível desviar-se dos padrões lógicos e generalizantes, que por

---

<sup>32</sup> . Disponível em: [https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/artes/Jorge\\_2016\\_TCC.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/artes/Jorge_2016_TCC.pdf). Acessado em: 18/11/18

vezes misturam um sistema cultural como outro que é considerado semelhante. Sendo assim o estudo da cerâmica no campo da arqueologia é tido como um meio de compreensão e desenvolvimento dos perfis tecnológicos e culturais de diversas sociedades.

### 4.3 Registro Rupestre

O termo grafismo rupestre foi proposto por André Prous, em seu livro “Arqueologia Brasileira”, publicado em 1992. O autor propõe esta mudança diante da visibilidade puramente estilística que muitos pesquisadores davam as pinturas e gravuras cunhadas nas rochas.

Portanto, abordagem da ‘arte rupestre’ não pode privilegiar a análise estética. Talvez teria sido até melhor renunciar a palavra ‘arte’, para falar tão-somente de Grafismos rupestres: porém a primeira expressão é pode demais consagrada pelo uso para ser abandonada. Pelo menos, usemo-la conscientes de sua ambiguidade. (PROUS, 1992, p. 510).

Os registros rupestres foram e ainda continuam sendo alvo de muitas discussões entre os arqueólogos e curiosos da área, isso se dá pelo fato de que sua interpretação é demasiadamente complexa, despertando a curiosidade e a imaginação de diversas pessoas. As imagens gravadas ou desenhadas em suportes rochosos, geralmente de média e grande dimensão são denominadas como arte rupestre. “Arte rupestre (do latim ars rupes “arte sobre rocha”) ou registro rupestre comporta um amplo conjunto de imagens produzidas sobre suportes rochosos abrigados (cavernas e grutas) ou ao ar livre (paredões e lajedos)”. (VIANA<sup>33</sup> et.al, p.02). As pinturas rupestres são encontradas em praticamente todo o globo terrestre, no Brasil, são extremamente abundantes, apresentando uma variedade de formas, cores e tamanhos.

Acredita-se que a arte rupestre tenha surgido no Paleolítico superior, entre 40.000 e 11.000 anos AP (Antes do Presente), no seio de grupos humanos que dominavam o fogo, possuíam tecnologia diversificada de produção de

---

<sup>33</sup> Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTRE%20-%20pronto%20pdf.pdf>. Acessado em 15/11/18

instrumentos de pedra lascada e que, em termos de constituição física, eram semelhantes ao homem moderno. (VIANA Et.al, p.02)

Muitas pinturas rupestres possuem formas difíceis de definir, por apresentarem aspectos geométricos. Enquanto que André Prous (1992) prefere o termo grafismo para se fugir da perspectiva estilística, Gabriela Martin (2008) utiliza este termo pra se referir

A qualquer desenho unitário indefinido no conjunto pictural rupestre, não é utilizado com unanimidade pelos arqueólogos do Brasil, apesar de sua inegável utilidade como agente definidor não comprometido e ser uma definição utilizada por André-Leroi-Gourham. Foi introduzido na nomenclatura brasileira por Anne-Marie Pessis, que a ampliou criando “categorias” de grafismos, que dividiu em três grupos, atendendo as possibilidades identificatórias dos mesmos. (MARTIN,2008, p.237)

Dentro do estudos dos registros rupestres, o uso de nomenclaturas e suas distinções depende muitos do viés bibliográfico-metodológico que estará sendo utilizado pelo pesquisador, tendo em vista que como posto acima, uma palavra pode ter dois ou três conceitos a depender da base metodológica utilizada.

As artes rupestres são observadas enquadradas em três contextos distintos, mas que confundem-se entre si. O termo Tradição foi utilizado por Valentin Calderón, que defini como um conjunto de traços semelhantes, entre um conjunto de sítios e que por meio do contato entre um grupo e outro eram modificadas.

Um dos primeiros pesquisadores a utilizar o termo tradição aplicado à arte rupestre foi Valentin Calderón, na Bahia, em 1970, para definir “o conjunto de características que se refletem em diferentes sítios associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes, que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas através do tempo e do espaço”. (MARTIN, 2008, P.234).

A complexidade em se compreender a arte rupestre ainda é algo tão grande que uma única definição para os mesmo termos seria o mesmo que dizer que as interpretações são as mesmas, e isso seria por deveras impossível. O termo subtradição está inserido na palavra tradição, sendo esta primeira utilizada de forma mais geral e a outra como um meio mais específico.

A tradição pode ser dividida em subtradições, que estariam associadas a um grupo desvinculado de uma tradição e estabelecido em outra área geográfica

em condições ecológicas distintas com a presença de elementos gráficos novos. As subtradições, por sua vez, também são divididas em estilos e variedades ou fácies, o que indicaria uma diferenciação temporal e espacial. (VASQUES<sup>34</sup>, p.03)

Ainda mais complexo que a definição de tradição e subtradição, o estilo é um termo que assim como os demais não se tem uma definição padrão. Seguindo a lógica da leituras dos aspectos individuais de cada pintura, o estilo seria ainda uma característica que especifica-se ainda mais a pintura. “Para Pessis e Guidon (1992), o estilo é a classe mais particular decorrente da evolução de uma subtradição segundo as variações da técnica e da apresentação gráfica, com inovações temáticas que refletem a manifestação criativa de cada comunidade.” (MARTIN, 2008, p. 235)

O Brasil possui muitas regiões que apresentam diversos tipos de pinturas rupestres, por vezes as áreas arqueológicas que compõem essas regiões, possuem pinturas com características específicas. Uma delas é conhecida por Tradição Geométrica, trata-se de uma tradição compostas por diversos grafismos geométricos, que são difíceis ou quase impossível de identifica-los.

A tradição Nordeste foi estabelecida por Niéde Guidon, com a descoberta dos sítios arqueológicos no Piauí, em São Raimundo Nonato. A tradição Nordeste é composta por “[...] pinturas monocromáticas, mas existe uma quantidade significativa de sítios com gravuras no Piauí (São Raimundo Nonato). Antropomorfos e zoomorfos estão quase igualmente bem representados quantitativamente, associados a sinais geométricos pouco numerosos” (PROUS, 1992, p.521).

Como dito anteriormente, a interpretação dos registros rupestres é algo complexo, no que tange a Tradição Geométrica torna-se mais complicado ainda, tendo em vista que não se tem cenas claras. Muito se tem refletido acerca das pinturas geométricas e essas representações acabaram sendo associadas a tipos diferentes de culto.

A magia propiciatória da caça, o culto a fertilidade e a iniciação sexual têm sido os temas favoritos no registro figurativo. Interpretações cosmogônicas, linguagens codificadas precursora dos verdadeiros hieróglifos, são interpretações corriqueiras nos grafismos puros. Muitas dessas interpretações

---

<sup>34</sup> Disponível em: <http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT06/6.8.pdf>. Acessado em 15/11/18

aproximam-se bastante da realidade, mas o problema está sempre no seu valor científico. (MARTIN, 2008, p. 241)

Martin ainda aponta para uma ligação entre o uso de alucinógenos e as pinturas rupestres que apresentam características abstratas. O uso de drogas com efeitos alucinógenos é um costume de muitos povos antigos, esses povos acreditam que determinadas substâncias promovem uma ligação mais profunda com o sagrado, a partir das imagens que lhe veem a mente podem gravar ou pintar símbolos nas paredes.

Essa explicação para a origem de certos desenhos rupestres considerados como in“abstratos”, na pintura e, sobretudo, na gravura, foram também observados por pesquisadores outras áreas. É importante ressaltar que todos os povos de todas as culturas, utilizam ou utilizaram algum tipo de droga para rituais religiosos, afastamento do mal, homenagens às divindades, fins medicinais ou como forma de alcançar níveis de satisfação espiritual. (MARTIN ,2008, p. 244)

Ainda hoje muitas pinturas e gravuras rupestres, são alvos de grande questionamentos com relação a seu significado. Em algumas delas, principalmente as da Tradição Nordeste, é possível observar cenas de caças, possíveis rituais e etc., no entanto as figuras geométricas, oferecem ainda mais questionamentos e dúvidas, portanto fazer inferências sobre seus significados ainda é algo no mínimo, duvidoso.

Muitas pinturas rupestres de diferentes parte do mundo possuem semelhanças entre si, essas semelhanças permitiram que teorias hiperdifusionistas acreditassem que os grafismos considerados puros, são um tipo de escrita universal, porém trata-se de uma análise arriscada, já que não possui nenhum embasamento científico, sendo estabelecido apenas por meios comparativos. “Pretender encontrar algum significado lógico em grafismos semelhantes porem separados por cronologias desconhecidas e pertencentes a grupos étnicos também desconhecidos, resulta em uma tarefa inútil” (MARTIN, 2008, p.241). No entanto compreender as semelhanças entre as pinturas rupestres permite compreender tendências criativas em diversas partes do mundo, ainda que não seja possível apontar o que gerou tais semelhanças.

## CAPITULO V - ARQUEOLOGIA DA PAISAGEM

Tratando-se de uma ciência que busca compreender e reconstruir o passado do homem através de sua cultura material, a Arqueologia adota o estudo da paisagem como um complemento para análise do sítio arqueológico, que promove uma leitura mais aguçada do modo de vida e até mesmo de questões simbólicas de grupos pré-históricos ou históricos, partindo deste pressuposto a Arqueologia da Paisagem busca analisar os processos do homem na construção da paisagem.

O estudo da paisagem em Arqueologia envolve questões complexas sobre as maneiras com que grupos pré-históricos, conscientemente ou não, moldaram seus espaços sociais e culturais, situações que envolvem uma variedade de processos tanto relacionados a organização deste espaço quanto a sua modificação em função de uma diversidade de propósitos que incluem subsistência, questões de ordem econômica, social, política, cognitiva, simbólica ou religiosa. (Fagundes<sup>35</sup>, 2009 p.302)

A paisagem é algo que não se restringe unicamente a olhares observadores e apreciativos, sua análise é muito mais profunda e carece de uma visão minuciosa e extremamente perceptiva. Dentro da arqueologia as mudanças que ocorrem na paisagem natural geralmente tem origem antrópica. A escolha dos grupos humanos por determinados lugares, não é de forma alguma algo impensado, pois todo o contexto ambiental propicia uma perspectiva simbólica ou física que irá gerar benefícios ou atender as crenças das estruturas sociais.

Dentro da arqueologia, o estudo da pré-história preocupa-se em compreender os padrões que regem determinadas sociedades já extintas. Desta forma, recorre ao estudo de vestígios de origem pré-colonial para compreender essas culturas, partindo do objeto ou vestígio para compreensão das sociedades. A paisagem entra dentro deste contexto quando se entende que os grupos humanos deixaram seus rastros em seu entorno, a exemplo disso temos as pinturas rupestres que muitas vezes mostram os modos de vida desses povos.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mW6UPXnkZRcJ:https://www.cea-unesp.org.br/holos/article/view/1310+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 05/08/18

Atualmente percebe-se que o conceito acerca do que é paisagem é amplo e por deveras desconexos, podendo ter várias definições. Na arqueologia o estudo da paisagem ainda é muito recente no Brasil, logo as pesquisas envolvendo este ramo não são muito numerosas.

No que compete à disponibilidade de bibliografia sobre o assunto, sobretudo no Brasil, onde a Arqueologia da Paisagem pode ser encarada como uma prática bastante recente e sem muitos adeptos, a apresentação de alguns pontos dessa perspectiva prevê aqui os pressupostos teóricos que nortearam os estudos envolvendo a relação homem e ambiente, tanto na Antropologia quanto na Arqueologia. (OLIVEIRA<sup>36</sup>, 2007, p. 23).

A Ecologia humana procura entender as relações entres os seres vivos e o meio no qual estes fazem parte, partindo deste pressuposto podemos dizer que a arqueologia traz para si esta análise, contudo estuda essa relação como um meio de obter um resultado, este resultado é a cultura que a sociedade manifesta no meio ambiente. Compreender o que de fato significa paisagem não é fácil, ainda mais difícil é delimitar todo um contexto paisagístico, isso se dá justamente pelas variáveis a que esse termo é atribuído.

Na Inglaterra, Arqueologia da Paisagem surge no bojo do Processualismo em 1960, a arqueologia espacial, ramo da arqueologia que utilizava tecnologias, como sensores aéreos para localizar vestígios arqueológicos, contribuiu grandemente para o desenvolvimento da arqueologia da paisagem.

De modo geral, a Arqueologia da Paisagem pode ser dividida em duas grandes tradições, principalmente se levamos em conta os países nos quais ela primeiro se desenvolveu: na Inglaterra e na França. A história da Arqueologia da Paisagem de origem anglo-saxônica começa com o aparecimento da Arqueologia Espacial no final da década de 1960, como resposta do processualismo ao histórico-culturalismo, destacando-se nomes como os de Binford, Leslie White e D. Clarke. O processualismo fora extremamente influenciado pela onda neopositivista que impregnou muitos dos campos científicos daquela época, além da teoria geral dos sistemas desenvolvida nas áreas exatas e, principalmente, pela Ecologia Cultural de Steward. A aplicação dos princípios da Ecologia Cultural na Arqueologia teve como resultado uma prática arqueológica na qual se procurava estabelecer as relações das sociedades do passado com o ambiente, analisando-se os padrões de assentamento humano [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 24)

---

<sup>36</sup> Disponível em: [http://www.ufjf.br/maea/files/2009/09/carlos\\_dissertacao\\_final.pdf](http://www.ufjf.br/maea/files/2009/09/carlos_dissertacao_final.pdf). Acessado em: 15/11/18

Na França o estudo da paisagem está estabelecido em análises ecológicas, estudando a ação da sociedade sobre o meio e com o aporte da geografia estudando os aspectos físicos da paisagem, pode-se dizer que dentro desta perspectiva a Arqueologia da Paisagem ainda continuava demasiadamente evolucionista e ecológica. O foco do estudo da paisagem dentro de uma perspectiva arqueológica, ainda estava maduro e não apontava para as transformações das culturas e sua inserção no meio, mas fixou-se em uma perspectiva puramente física e ambiental, focando somente nas modificações das paisagens, negligenciando o homem como um agente condutor em todo esse processo.

Para Leslie White o homem passaria por processos evolutivos, porém seu raciocínio partia do postulado de que as culturas deveriam ser estudadas de forma particular, porém tendo como base a adaptação ambiental. Para ele o que regia as mudanças culturais era as condições ambientais, logo o meio ambiente seria um agente limitador do homem, sendo este último mediado pelas relações de sobrevivência que constituía com seu meio.

O pensamento de White não deve ser considerado totalmente errado, já que muitos costumes, práticas e até vestimentas podem ser influenciadas pelo ambiente em que os grupos viviam, dessa forma, cada lugar possuía um clima, hidrografia, relevo entre outros fatores específicos, sendo assim os processos evolutivos não poderiam ser iguais em todas as sociedades. Ainda assim não podemos desconsiderar a influência do homem sobre seu meio, o perigo consiste no fato de que muitos estudiosos deixam-se levar por um determinismo exagerado, não levando em consideração outras possibilidades. Diante do objetivismo exacerbado do Processualismo, em 1980 surgiu a corrente Pós-Processual com Ian Rodder, é durante esse período que a arqueologia da paisagem se solidifica, analisando a paisagem dentro de uma perspectiva simbólica distanciando-se um pouco de análises neopositivistas.

Para tanto, ele faz questão de esclarecer que, enquanto a Geografia se caracteriza como uma ciência espacial, o espaço constitui apenas um dos domínios da Arqueologia, que, durante muito tempo privilegiou outros – como

arte, estilo, sepultamentos, rituais e etc.- em suas análises sobre o simbolismo. (SOUSA<sup>37</sup>, 2005, p. 292).

O estudo da paisagem como meio de compreensão dos aspectos que conduzem as estruturas sociais, não são muito simples, e a degradação de determinados espaços acabam atrapalhando ou impedindo a compreensão da paisagem, devemos entender que arqueólogos voltados para o estudos das paisagens não as analisam de forma independente, pois ela agregam todo um conjunto de vestígios e marcas que quando disposto no espaço fornecem grandes informações, a ausência desses vestígios não permite o entendimento acerca dos costumes que os grupos manifestavam quando inseridos nesse meio, então uma análise de reminiscências naturais seriam os únicos pontos a serem estudados, e isso não se enquadraria dentro de uma perspectiva cultural, mas sim puramente ambiental.

Alguns pesquisadores buscaram compreender conectar a paisagem aos padrões de subsistências de grupos pré-históricos. Esses estudos ocorrem por meio dos vestígios orgânicos dispersos na paisagem, porém trata-se de uma análise ainda superficial.

A análise do contexto paisagístico dentro de uma viés cultural começou-se a ser amplamente difundida quando se compreendeu que os grupos humanos escolhiam seus locais para as mais variadas atividades analisando o que o entorno poderia lhes propiciar de bom ou ruim, tendo isso em mente, pode-se pensar que todos os ambientes que apresentam vestígios de ocupação humana, ritualidade, contextos de cemitério entre outros, foram escolhidos por que o ambiente parecia favorável.

O ser humano por natureza é um ser revestido de intencionalidades, essas intencionalidades podem gerar meios que propiciem mudanças em seu entorno, fazendo com que os aspectos abstratos de sua personalidade, hábitos, crenças ou relações sociais possam ser expressos na paisagem, desta forma assim como a cultura material dever analisada dentro de uma perspectiva imaterial, já que o concreto parte da abstração objetivada do grupo ou indivíduo, a paisagem também precisa ser

---

<sup>37</sup> Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rL8EhhrE77YJ:seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/artic le/view/60+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 17/11/18

encarada como construções simbólicas. “Nesta perspectiva é possível pensar a paisagem além da sua materialidade, considerando também as construções simbólicas que a constitui” (SANTOS; SOUZA<sup>38</sup>, p. 03).

Todo indivíduo possui uma essência, porém esta essência não é atribuída a ele quando ele nasce, mas lhe é concebida através do meio do qual faz parte, isso ocorre através dos ensinamentos que lhe são passados, essa essência pode seguir os padrões da sociedade, ou através da liberdade humana pode ser modificada por meio da sua consciência, “segundo Sartre, não há determinismo em relação à realidade humana, isto é, somente a liberdade é determinante. O homem, numa escolha livre e situada, faz a si mesmo”. (MARQUES<sup>39</sup>, 1998, p. 01)

Quando o homem opta por modificar seu espaço está fazendo uso da sua consciência, essa consciência é projetada por meio dos fenômenos que lhe ocorreram ao longo da sua vida, a paisagem em si, apenas torna-se algo significante quando passa a ser tida como um representação social de algo ou alguma coisa. A paisagem observada passa a ter uma outra realidade que não necessariamente condiz com o que se está observando, mas para compreendê-la é necessária senti-la através dos símbolos que estão elencados a ela.

Assim, através dos símbolos, objetos comuns adquirem ilimitáveis novos significados. Um simples pedaço de pano, por exemplo, ao ser erguido até o topo de um mastro, refere-se à ideia de pátria. Da mesma forma, dois simples segmentos de reta concorrentes e perpendiculares fazem alusão ao sacrifício espontâneo de Cristo. (RIBEIRO<sup>40</sup>, 2010, p.47)

---

<sup>38</sup> Disponível em:

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:irVvW02haHUIJ:www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%2520Word%2520-%2520ClaudiaAlvesdosSantos.ED2III.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:irVvW02haHUIJ:www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%2520Word%2520-%2520ClaudiaAlvesdosSantos.ED2III.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em: 19/11/18

<sup>39</sup> Disponível em: <

[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qfc9fqtWHTIJ:https://ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/label/revistametanoia\\_material\\_revisto/revista01/texto09\\_existencialismo\\_sartre.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qfc9fqtWHTIJ:https://ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/label/revistametanoia_material_revisto/revista01/texto09_existencialismo_sartre.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acessado em: 12/11/18

<sup>40</sup> Disponível em:

[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:\\_KC5MDIUOWIJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5762269.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:_KC5MDIUOWIJ:https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5762269.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em: 17/11/18

A importância do entendimento do símbolo na paisagem, consiste no fato de que o homem toma como seu algo que é importante pra si, e para ter importância primeiro precisa ter um significado, esses significados podem ser expressos através de manifestações e modificações na paisagem, segundo Marconi e Presotto (1992), “símbolos são realidades físicas ou sensoriais aos quais os indivíduos que os utilizam lhes atribuem valores ou significados específicos. Comumente representam ou implicam coisas concretas ou abstratas”, no entanto para se pensar em refletir a respeito dos símbolos que a paisagem expressa é necessário que esses símbolos sejam visíveis ou concretos.

Os grafismos puros não reconhecíveis muitas vezes são atrelados a questões simbólicas ou simplesmente são alvos de questionamentos intermináveis sobre seu significado, mas ainda assim demonstra a escolha de determinado grupo em fazer desenhos em formas geometrizadas, o que não deve ser tido como uma tradição menos evoluída, mas sim uma preferência, ainda que não se possa estabelecer interpretações de forma exata sobre seu significado, contudo não se pode limitar a paisagem apenas a símbolos visíveis, já que muitas paisagens naturais possuem também diversos significados para os grupos que lá habitavam, neste caso o processo de compreensão do significado do símbolo constitui-se na análise das relações entre os grupos sociais e a paisagem.

Os etnoarqueólogos e antropólogos culturais muitas vezes partem da cultura para a compreensão da paisagem por meio do relato das comunidades, o que de certa forma torna a análise da paisagem mais correspondente ao seu real significado, quando a subjetividade do pesquisador não toma a frente da pesquisa. A paisagem trata-se então do meio pelo qual os grupos humanos podem expressar seus sentimentos, anseios e crenças.

Seguindo as ideias do método relativista, pode-se dizer que paisagem adquire um aspecto dinâmico quando há uma sobreposição de culturas, está claro que um mesmo espaço pode ser reocupado e resinificado várias vezes das mais variadas formas, seja por conquista de território ou por reocupação, desta forma o espaço torna-se dinâmico a medida em que vai recebendo novos significados.

As paisagens não possuem um ápice, não possuem o tempo terminado, mas, como obras inacabadas, vão sendo construídas, incorporadas, abandonadas e novamente ressignificadas, ganhando e modificando sua forma e estrutura. São mutáveis da mesma forma como são os homens, seja pela visão naturalista e o contexto evolutivo, seja pela visão animista e as muitas humanidades. Paisagem é processo, não produto, são artefatos vivos e não estáticos. (ORIGUELA, 2018, p. 40)

Durante o processo de escavação, várias camadas estratigráficas podem ser encontradas, cada uma delas geralmente apresenta uma datação diferente, assim como a distribuição espacial dos vestígios arqueológicos, isso demonstra que um mesmo local pode ter passado por diversas reocupações adquirindo novas significações.

A doutora Cleonice Vergne ao analisar a cultura material associada aos sepultamentos encontrados no Sítio Justino, em Sergipe, usou como parâmetro as diversas práticas mortuárias que ocorreram durante o processo de ocupação e reocupação do espaço. No sítio Justino foram encontrados cerca de 164 sepultamentos divididos em quatro cemitérios, com cronologias relativamente espaçadas de um para o outro, a autora ainda propõe que “Desse modo, tendo essas realidades completamente distintas entre os diferentes solos de ocupação, cada cemitério foi analisado separadamente para que, no final, pudéssemos verificar a existência de similaridades nos rituais funerários.” (VERGNE, p.82). Neste sentido, podemos afirmar que as estruturas sociais são distintas e conseqüentemente as partes interdependentes que compõem todo o sistema cultural.

Para o arqueólogo, a paisagem deve ser encarada como um artefato, pois trata-se de um elemento constituinte na cultura material. “A incorporação da paisagem culturalmente determinada como objeto de análise pela Arqueologia, resulta da convicção, de que, por se tratar de um elemento da cultura material, passível de ser analisado como artefato se enquadra no campo da investigação” (SOUSA ,2005, p. 295).

Tuan (1983, p. 114-9), utilizando-se da expressão “o hábito embota a mente”, traduz bem o potencial do espaço construído para aguçar a percepção humana, definindo as suas funções sociais, relações e sensações – como interior / exterior, fechado/aberto, privado/público etc, e transformando-as em algo concreto. Por meio de uma analogia entre linguagem e ambiente construído, ele

constata que ambos tem o poder de definir e aperfeiçoar a sensibilidade e ampliar a consciência. (SOUSA<sup>41</sup>, 2005, p. 297)

A paisagens e os objetos expostos nelas formam um tipo de linguagem que através de uma análise minuciosa é possível ou não compreender. A linguagem não precisa ser algo falado ou escrito, existem diversas outras formas de comunicação que podem esclarecer as relações sociais, a maneira como os espaços são manejados permitem que um linguagem seja criada, podendo até mesmo induzir certos comportamentos.

### 5.1 Patrimônio Paisagístico

Como dito anteriormente, o conceito do termo paisagem cultural possui uma variedade de definições que podem variar de acordo com a ciência e o método aplicado, o que se pode afirmar é que a paisagem cultural é uma construção humana dentro de um espaço natural e que por meio de conexões de sobrevivência ou simbólicas passa a obter um significado e conseqüentemente ter importância para os diversos grupos humanos e nisso consiste sua preservação. “Questões humanas peculiares determinam ou condicionam a paisagem, constituindo uma análise singular e infinitamente mais rica, sendo tão dignas de registro e proteção quanto a flora, a fauna o patrimônio edificado.” (DELPHIN<sup>42</sup>, 2004, p.05)

Diante do rápido processo de industrialização e a crescente descaracterização dos territórios nacionais, medidas mitigadoras passaram a ser desenvolvidas com o intuito de diminuir os impactos ambientais. Essa realidade de caráter capitalista, acaba causando fortes danos as paisagens tanto no âmbito cultural, quanto ambiental. A conscientização da relação entre o homem e seu meio permitiu que as paisagens adquirissem aspectos culturais, apesar do termo paisagem cultural ter sido criado por

---

<sup>41</sup> . Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rL8EhhrE77YJ:seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/artic le/view/60+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 17/11/18

<sup>42</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio\\_Natural\\_no\\_Brasil.1/pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.1/pdf): Acessado em: 17/11/18

Shutler no século XIX, as divergências referiam-se a multiplicidade dos conceitos que eram atribuídos a este termo. “Kulturlandschaft, ou paisagem cultural foi o termo criado por Schlüter para designar a paisagem transformada pelo trabalho do homem, em oposição à Naturlandschaft, ou paisagem natural, da qual o homem estaria ausente” (RIBEIRO, 2007).

O Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), no ano de 2009 considerou a paisagem cultural como um bem que deveria ser preservado diante da suas condições em fornecer dados históricos ou pré-coloniais das sociedades.

De acordo com a ICOMOS – International Council of Monuments and Sites - (2009), a inscrição da Paisagem Cultural como bem se dá por considerá-las ilustrativas da trajetória histórica da sociedade humana e seus assentamentos sobre a influência de contingências físicas e/ou oportunidades apresentadas pelo ambiente natural, bem como pelas sucessivas forças social, econômica e cultural, que nelas interferem. (COSTA; GASTAL<sup>43</sup>, 2010, p. 07)

De acordo com Costa e Gastal (2010), as paisagens podem ser definidas em cinco categorias, a primeira delas consiste nas **paisagens planejadas**, como parques e jardins, seu valor é estético e serve para apreciação. “São as mais facilmente identificáveis, de acordo com o ICOMOS. São exemplos de paisagens claramente definidas Sintra, em Portugal, e a Paisagem Cultural de Lednice-Valtice na república Checa”. (COSTA; GASTAL, 2010, p. 08)

A segunda categoria é a **Paisagem evoluída organicamente**, e possui outras duas subdivisões. A primeira divisão - **Paisagem Relíquia ou Fóssil** - consiste na construção de paisagens que remontam determinadas épocas e podem ser analisadas por meio de sua cultura material, essas paisagens estão associadas aos sítios arqueológicos e servem como norteador para a compreensão de diversas estruturas sociais. A **Paisagem Contínua**, consiste em paisagens que possuem um caráter contemporâneo, mas que modificam-se de forma progressiva na sociedade, contudo devem possuir uma ancestralidade cultural. “São exemplos da Paisagem Organicamente

---

<sup>43</sup> Disponível em:

[https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf](https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf). Acessado em: 19/11/18

Evoluída os terraços de arroz da Cordilheira Filipinas ou a Paisagem Cultural de Hallstatt-Danchstein Salzkamergut na Áustria”. (COSTA; GASTAL, 2010, p. 08). Por fim, a última categoria definida pelo ICOMOS consiste **na Paisagem Cultural Associativa**, caracteriza-se pelas associações religiosas, artísticas ou culturais, podendo obter ou não resquícios da cultura material.

Todos os grupos humanos deixam rastros de sua sobrevivência na paisagem, por meio desses rastros é possível identificar não somente os padrões de assentamento ou os aspectos da cultura, mas por meio de uma análise mais acurada também é possível identificar os perfis étnicos que compunham determinados sistemas, muitas vezes esses perfis culturais podem ser facilmente identificados, outras vezes pode haver uma junção de determinadas características, resultado de um amalgamento de diferentes etnias.

A questão étnica de fundamental importância na análise da paisagem é também reconhecida pela Constituição, que determina a preservação dos sítios detentores de referências históricas da cultura negra, entre os quais se incluem os remanescentes de assentamentos chamados quilombos, rotas da escravidão e cemitérios de escravos. (DELPHIN<sup>44</sup>, 2004, p. 05)

Uma das medidas para preservação da paisagem, foi passar a compreendê-la como um bem cultural patrimonial, apesar disso diferente dos bens móveis, a paisagem obviamente não pode ser removida de seu contexto, logo medidas de preservação são de certa forma mais complicadas diante de sua exposição.

Em 1930, Mario de Andrade trouxe para o Brasil o termo tombamento, quando propôs um projeto que previa a preservação do patrimônio brasileiro. O termo tombamento possui diversas definições extremamente controversas.

A etimologia do termo tombamento é bastante controversa. Segundo alguns filólogos, provem do latim tumulum, que significa elevação. Nas obras de referência de latim pode ser encontrado o vocábulo tumulus que significa altura, eminência (natural ou artificial), elevação de terreno. (SANTOS; TELLES<sup>45</sup>, p. 01)

---

<sup>44</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio\\_Natural\\_no\\_Brasil.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf). Acessado em: 20/11/18

<sup>45</sup> Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livros%20do%20Tombo%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf>. Acessado em 18/11/18

No Brasil o termo tombamento possui uma conotação de classificação. Quatro livros de tombos foram criados, cada um deles tem como objetivo preservar diversas categorias que constituem o patrimônio brasileiro. A criação dos livros de tomo não só foram importantes pelo seu caráter preservacionista referente as criações humanas de grande valor histórico e pré-histórico, mas também por que incluía a paisagem dentro deste contexto.

Quando da organização do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e da criação do instrumento legal do tombamento, em 1937, foram criados quatro livros do tomo, nos quais os bens poderiam ser inscritos: o Livro do Tombo Histórico, o Livro do Tombo de Belas Artes, o Livro do Tombo das Artes Aplicadas e o Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico. A criação de um livro do tomo paisagístico revela que desde aquele momento havia o interesse em se considerar bens de natureza paisagística como patrimônio nacional. (RIBEIRO, 2007, p.69)

A importância consistia no fato de que a paisagem é sem dúvida nenhuma, um meio onde reuni todos os elementos constitutivos de uma cultura. Outro fator que merece ser mencionado é acerca da paisagem natural, considerada aquela que não sofreu modificações de origens antrópicas, ainda assim esta visão é arriscada, se levarmos em conta que não necessariamente precisa haver de fato uma modificação na paisagem para que esta tenha um significado cultural. “Os limites entre a paisagem natural e a paisagem resultante da ação humana tornam-se cada dia menos evidentes. Paisagens tidas como produtos na natureza, após acurados estudos revelam consequências de ações antrópicas”. (DELPHIN<sup>46</sup>, 2004, p. 06)

De qualquer forma, seja por fatores ambientais ou culturais, as paisagens consideradas naturais precisam ser preservadas. Durante muito tempo as culturas sobreviveram modificando de maneira menos intensa o meio em que viviam, praticamente sobrevivendo daquilo que a natureza lhes propiciava, justamente por isso é que dificilmente as paisagens possuem ausência de ações antrópicas.

É na natureza que se encontram todas as fontes materiais e imateriais da produção cultural. É a natureza que fornece a matéria prima e a inspiração para arte, literatura, musicas, e outras formas de expressão cultural. Operações de preservação do patrimônio cultural, como a restauração, dependem dos

---

<sup>46</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio\\_Natural\\_no\\_Brasil.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf). Acessado em: 18/11/18

mesmos recursos da natureza com que foram produzidos e que devem ser também protegidos. (DELPHIN, 2004, p. 04)

A proteção as paisagens culturais é uma medida relativamente nova no Brasil e ainda carece de determinados recursos. O primeiro deles, trata-se do próprio entendimento do conceito de paisagem, para os arqueólogos o termo pode ser comum e compreensível a seus ouvidos, contudo, para leigos, a paisagem ainda possui uma conotação de beleza estética, não tendo associação nenhuma com os valores e as diversas culturas que passaram por elas, medidas de ações educativas provavelmente ajudariam a diminuir este problema. O Instituto do Patrimônio Histórico Artístico e Nacional, criado em 1937 tem tentando dispor de instrumentos que permitam a preservação das paisagens culturais.

A chancela da Paisagem Cultural é o mais novo instrumento de preservação do patrimônio cultural brasileiro, lançado em 2009 pelo Iphan. Conforme a Portaria Iphan nº 127/2009, que regulamenta essa chancela, Paisagem Cultural Brasileira é uma porção peculiar do território nacional, representativa do processo de interação do homem com o meio natural, à qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. (IPHAN<sup>47</sup>, 2009, p. 13)

Para compreender as relações entre o homem e a paisagem, primeiro é necessário vincular o homem a seu contexto. Para o homem sertanejo, a caatinga possui um valor imensurável, isso ocorre pelo cruzamento entre o ambiente e o indivíduo fazendo com que se crie um vínculo entre ambos, partindo desse pressuposto a preservação da paisagem cultural está além das condições físicas, estando totalmente direcionadas a questões de memória e identidade.

São exemplos da Paisagem Cultural as relações entre o sertanejo e a caatinga, o candango e o cerrado, o boiadeiro e o pantanal, o gaúcho e os pampas, o pescador e os contextos navais tradicionais, o seringueiro e a floresta amazônica, por exemplo. Como estes, outros tantos personagens e lugares formam o painel das riquezas culturais brasileiras, destacando a relação exemplar entre homem e natureza. (IPHAN, 2009, p. 13)

O reconhecimento das paisagens como um bem cultural, foi um dos primeiros passos que ajudaram a promover medidas de preservação, apesar disso não existe uma

---

<sup>47</sup> Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto\\_paisagem\\_cultural.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf). Acessado em: 18/11/18

regularização específica da utilização dessas paisagens, o monitoramento realizado pelo IPHAN e através da produção de relatórios que irão atestar ou não, a ligação da paisagem e a continuidade dos valores culturais, por enquanto é o único meio, aliado ao tombamento que permitem que esses contextos sejam preservados.

## 5.2 Patrimônio e Preservação

Muito se tem refletido acerca do conceito de patrimônio cultural, por se tratar de um termo bastante amplo, aquilo que constitui-se como patrimônio passou a obter uma série de recortes, de forma que a diversidade dos bens culturais pudessem ser enquadrados dentro de seu contexto, vinculados a sua identidade,

[...] as incontáveis publicações e normatizações que trataram da temática apresentaram uma vasta conceituação sobre os diferentes prismas de patrimônio ao longo do tempo: patrimônio monumental, patrimônio histórico e artístico, patrimônio cultural, patrimônio arqueológico, patrimônio industrial, patrimônio natural, patrimônio ambiental, patrimônio urbano, patrimônio imaterial, entre outros. (MAGALHÃES<sup>48</sup>, 2011, p. 01, 02)

Esses recortes têm por finalidade tornar compreensível a diversidade e os contextos nos quais os bens culturais fazem parte, desta forma a identidade cultural poderia ser preservada. A escolha do que pode ser considerado um patrimônio cultural depende do sentimento de memória e pertencimento de um determinado grupo. Esse grupo pode ser constituído como um município, um país e até mesmo a nível mundial, contudo a subjetividade deve estar associada a esses bens ou práticas do cotidiano para que eles passem a ter uma importância cultural.

A memória cultural trata-se do sentimento expresso pela sensação de saudade, essa saudade é um fator gerador que ocasiona a tentativa de preservação do bem cultural

---

<sup>48</sup> Disponível:

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:O\\_6G8oUIAScJ:www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308098302\\_ARQUIVO\\_CristianeMariaMagalhaes-achancelaeosjardinshistoricos.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:O_6G8oUIAScJ:www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308098302_ARQUIVO_CristianeMariaMagalhaes-achancelaeosjardinshistoricos.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em: 19/11/18

como um meio de lembrar aquilo que foi perdido. Esse resgate geralmente está associado a resquícios de práticas culturais e podem ser expressos por meio da concretização ou manifestações que reportem a práticas, costumes, crenças e outros fatores que constituem determinadas sociedades. “A memória cultural é constituída por heranças simbólicas materializadas em monumentos, documentos, ritos, celebrações, objetos, textos, escrituras e outros suportes mnemônicos e possui caráter dinâmico’. (MORIGI<sup>49</sup> et.al, p. 187).

A identidade cultural está associada a sensação de pertencimento, a identidade constitui-se na necessidade que o indivíduo tem em pertencer a um grupo social, quando pertencente a um núcleo de pessoas, o indivíduo finca suas bases conceituais, religiosas e cotidianas dentro de um sistema cultural, fazendo com que ele se sinta um ser sociável.

A forte vinculação entre memória cultural e identidade permite compreender como ocorrem os processos de preservação das heranças simbólicas enraizadas e institucionalizadas. É nelas que os indivíduos se apegam para construir suas próprias identidades e para pertencerem e se afirmarem como parte de uma comunidade ou grupo social. (MORIGI et.al, p. 188)

Atualmente a conotação que se dá a expressão patrimônio, faz com que pessoas leigas os associem a bens materiais de grande valor econômico, contudo, está afirmativa não condiz de forma absoluta com a realidade. Desde os tempos antigos, muitas culturas sempre tentaram estabelecer-se em um espaço específico, a escolha desses territórios podem ter ligação com aspectos simbólicos ou físicos, tendo isto em mente percebe-se que o ser humano nunca fez suas escolhas de forma alegórica destituídas de no mínimo uma reflexão simples a respeito do que esse território irá promover.

Atualmente no Brasil, se tem visto o patrimônio como um meio de manifestação cultural que está além de grandes monumentos, o que promoveu “o reconhecimento da importância dessa nova percepção de valorizar e preservar também os patrimônios

---

<sup>49</sup> Disponível em:

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:UtP5tX6\\_dNgJ:seer.ufms.br/index.php/cadec/article/download/3676/2958+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:UtP5tX6_dNgJ:seer.ufms.br/index.php/cadec/article/download/3676/2958+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acessado em: 19/11/18

imateriais fomenta a memória do nosso país a partir de representações e do imaginário social dos diversos grupos.” (SALES<sup>50</sup>, 2010, p.244).

Durante a Revolução Francesa, a revolta dos burgueses juntamente com outras camadas sociais impulsionou a revolta que ocasionaria a destruição de muitos monumentos tanto artísticos quanto arquitetônicos, o que gerou a perda de boa parte dos patrimônios franceses, provavelmente isso se deu pelo fato de até então a noção que se tinha de patrimônio estaria ligada apenas a bens de grande valor econômico.

O movimento de preservação do patrimônio cultural surgiu do ponto de vista mundial no início do século XIX na França, como fruto da Revolução Francesa, que nos seus momentos mais radicais levou à depredação e destruição de importantes bens arquitetônicos e artísticos ligados à Igreja ou à história do Ancien Regime. Originalmente, a preocupação preservacionista era voltada aos monumentos e objetos artísticos de valor excepcional, às vezes levando até mesmo à destruição de bens também relevantes, porém, de menor importância artística, para destaque daqueles mais notáveis (JUNIOR<sup>51</sup>, 2009, p.)

Como dito anteriormente as noções que se tinha acerca dos monumentos estavam associados somente as questões financeiras, esse foi um dos fatores que ocasionou a depredação de construções tão importantes, o valor histórico e cultural acabou sendo negligenciado.

Essa perspectiva francesa de patrimônio monumental fundada nos valores nacional, estético e didático passou a figurar como paradigma na constituição de políticas públicas de preservação do patrimônio no ocidente. A criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, em 1937, hoje, IPHAN e de seus congêneres em vários países da América Latina é exemplar. (NOGUEIRA<sup>52</sup>, 2014, p. 54)

O vínculo relacionado a memória e ao patrimônio instigou muitos estudiosos a analisarem aquilo que deveria ser valorizado, partindo desse pressuposto as

---

<sup>50</sup> Disponível em:

<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/74/PRATICAS%20URBANISTICAS%20E%20PRESERVACAO%20PATRIMONIAL%20NO%20BRASIL.pdf>. Acessado em: 06/11/18

<sup>51</sup> Disponível em: <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,a-preservacao-do-patrimonio-cultural-e-suas-particularidades,25299.html>. Acessado em: 07/11/18

<sup>52</sup> . Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:K-WIRp40zzcJ:www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/downloadSuppFile/19969/8235+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 19/11/18

construções e produções humanas que deveriam ser passíveis de preservação deveriam fazer parte da constituição de uma identidade.

Os anos de 1980 foram marcados pelos debates em torno da memória e do patrimônio, mais especificamente sobre os deslocamentos conceituais de um e de outro em perspectiva com os anseios de novos sujeitos históricos que entraram em cena e forjaram a necessidade de se repensar os silêncios e os ocultamentos, assim como o que deve ser protegido, valorizado, repertoriado. (NOGUEIRA ,2014, p. 52)

O caráter preservacionista que emergiu da década de 80 promoveu a construção de diversos museus e centros históricos com o intuito de rememorar o passado através da observação de objetos, invenções artísticas e etc., que em algum momento fizeram parte da ancestralidade de uma determinada cultura.

No século XX, durante o movimento modernista, surgia no Brasil a preocupação de encontrar as origens da nação brasileiras, através da busca de construções que remontassem ao início do Brasil, alguns modernistas atribuíram essa antiguidade ao estilo barroco, porem Mario de Andrade desconfiado dessa decisão foi visitar Minas Gerais e acabou discordando dessa decisão.

Foi justamente do reconhecimento dessa experiência e engajamento dos intelectuais modernistas, encabeçados por Mário de Andrade, que surgiu um movimento de defesa e proteção dos monumentos históricos e artísticos nacionais culminando, na década de 1930, no processo de institucionalização das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil em nível federal. (NOGUEIRA ,2014, p. 55)

No dia 12 de julho de 1933 Getúlio Vargas promulga um decreto que colocava a cidade de Ouro Preto como monumento nacional, trazendo para o Brasil uma perspectiva preservacionista. Atualmente as medidas que apresentam um perfil de preservação, dificilmente saem do papel para de fato serem executadas. Diferente da bens culturais moveis, que podem ser armazenados em laboratórios, centros de pesquisas e museus, as paisagem culturais ficam constantemente expostas, diante disso, sua preservação é mais dificultosa, sendo necessário o monitoramento por parte do IPHAN e a elaboração de relatórios que vinculem as paisagens as questões culturais.

Quando se vinculam às categorias espaciais com a noção de patrimônio emerge a preocupação com a salvaguarda da cultura por meio dos novos

mecanismos e instrumentos para a preservação, a conservação e a gestão dos bens culturais, dentre os quais se destacam o lugar como patrimônio imaterial e a paisagem como cultural. (NÓR<sup>53</sup>, 2003, p. 126)

Deve-se compreender que, para que as paisagens possam ser preservadas, as noções de identidade cultural e territorialidade precisam ser trabalhadas no meio coletivo, isso se fundamenta pelo fato de que se as paisagens dependem unicamente do meio social em que estão fixadas; despertando na sociedade a conscientização da importância da preservação da paisagem com um meio de manter os parâmetros culturais ancestrais e atuais é a ferramenta para que haja a valoração do patrimônio.

---

<sup>53</sup> Disponível em:

em:<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:JTGnmztRIgEJ:https://www.revistas.usp.br/paam/articledownload/88090/90976/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em: 20/11/18

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos que imperam diante do termo paisagem, ainda permanecem controversos, contudo graças aos esforços de Sauer, o estudo da paisagem na geografia ganhou um caráter científico, podendo fornecer diferentes dados de diversas estruturas sociais. A modificação do espaço realizada pelo homem é resultado da interação entre a sociedade e seu meio, essa relação está pautada em questões físicas e simbólicas. Reportar as modificações da paisagem, apenas as questões de sobrevivência é negar a subjetividade humana, colocando os indivíduos em condições superficiais (ainda que sejam essenciais).

O homem molda seus espaços a partir de suas experiências, e a partir dessas experiências constrói a sua própria essência (que se modifica diante dos fenômenos), essa essência é manifestada por meio de ritos, costumes, hábitos e por fim suas próprias criações. No presente trabalho algumas questões foram explanadas com o intuito de esclarecer dúvidas, a primeira delas consistem em compreender o conceito de arqueologia, assim como sua trajetória teórico-metodológica até chegar ao Processualismo em 1980 com Ian Hodder. A arqueologia volta-se para o estudo da cultura material para compressão dos sistemas sociais e culturais, seja se culturas extintas ou viventes.

O lugar corresponde aos espaços físicos nos quais possuem um vínculo sentimental com uma sociedade ou um indivíduo, sendo um recorte do termo espaço, que trata-se de um termo mais amplo, que por muito tempo foi observado dentro de uma perspectiva locacional, porém diante da prerrogativas da fenomenologia trazidas para o campo geografia, a percepção de espaço passa a adquirir uma ideia baseada nas experiências, e como essas experiências moldam os espaços por meio dos sentidos. Yi-fu Tuan, concebe o espaço dentro de uma análise ampla, baseando-se na ideia de que o espaço representa a liberdade, enquanto que o lugar representaria o descanso, a pausa, por fim aquela fração do espaço que foi atribuída determinados significados.

A paisagem localiza-se dentro do contexto mais amplo, o espaço, constituindo-se como um determinado local onde ocorreu mudanças ou atribuições culturais, estabelecendo-se relações entre o sujeito, o meio e a cultura. A paisagem pode auxiliar nas pesquisas de cunho arqueológico, podendo ser estudada como um artefato que expõe o funcionamento dos sistemas culturais, através das marcas e vestígios que são encontrados dentro do contexto paisagístico. A paisagem durante muito tempo foi estudada dentro de uma perspectiva puramente física e cultural, porém este último não considerava a natureza subjetiva da paisagem, contudo partindo da concepção da consciência intencional proposta por Husserl, a consciência é sempre intencional, e está sempre direcionada a algo, contudo este algo não é anulado diante da concepção humana, mas possui sua própria essência, neste caso as “coisas”, podem se expressar por si mesmas, e o homem as percebe por meio dos seus sentidos.

A cultura material, fruto da inventividade do homem a partir de aspectos abstratos, se concretiza como um meio que o indivíduo tem para exprimir suas crenças, diante desta afirmativa as manifestações artísticas, a cultura material e imaterial por vezes estão intimamente ligadas a produção humana podendo expressar aquilo que se passa nas concepções do homem, mas antes desta razão existe a essência e o fenômeno, que permitem que toda produção humana, paisagens, espaços e lugares sirvam como um espelho daquilo que não mais existe, mas que ainda se faz presente.

O artefato arqueológico trata-se dos indícios da atividade humana em determinados locais. Em um sítio arqueológico pode-se encontrar vestígios líticos, que são considerados os instrumentos ou ferramentas fabricadas pelo homem, sendo sua matéria-prima a pedra, esses instrumentos podem ser lascados ou polidos, e podem possuir diversas funções, tanto como objetos para o dia a dia, como para fins ritualísticos. A cerâmica é mais recente que o lítico, e também pode fornecer informações acerca do modo de vida de culturas antigas, sua divisão é feita por meio de tradições, essas tradições servem tanto como norteadores temporais, como em questões decorativas ou de fabricação, já que cada sociedade utilizava um antiplástico diferente.

Os registros rupestres são inscrições sob um suporte rochoso, podendo ter diversas cores, entre o vermelho, preto e amarelo. Os registros rupestres demonstram por vezes cenas de caça, rituais, e cenas do cotidiano. Os registros rupestre dividem-se em tradições, sendo esta uma nomenclatura mais ampla, definindo as características gerais dos registros, a subtradição pode-se ser compreendida como o território no qual esses registros são encontrados e ainda tem o estilo, que são as particularidades de cada território, ainda que estejam dentro de uma mesma tradição, mudanças podem ocorrer entre um território e outro. Nem todos os registros são compreensíveis, a Tradição Geométrica por exemplo, possui desenhos com características geométricas e que até hoje não puderam ser interpretados diante de sua complexidade. Todos esses vestígios permitem que interpretações possam ser feitas sob determinados sistemas culturais.

Quando observamos as paisagens a nossa frente, percebemos por vezes a sua suntuosidade, beleza e delicadeza, apesar do caráter estético, a maior beleza que compõem as paisagens é a própria cultura. O poder cultural é tão imenso que permite que um lugar possua diferentes significados e singularidades, estabelecendo um dinamismo paisagístico. Ainda que os aspectos físicos mudem de acordo com as ações ambientais e antrópicas, o que de fato faz com que a paisagem seja a obra prima do homem é o fato dele ter a possibilidade de lhe fornecer diferentes significados. Se, de acordo com Sartre “a existência precede a essência”, então primeiro o ser precisa fazer-se parte deste mundo para construir sua própria essência com base na liberdade humana e na sua própria racionalidade, no que tange a existência das paisagens, elas vieram primeiro, por isso estão a cima dos homens, apesar disto, é por meio dos homens que elas podem ser moldadas e percebidas de diferentes maneiras, não à toa que o meio ambiente por muito tempo foi um dos limitadores culturais, ainda que seja afirmativa não adquira um caráter absoluto , mas em parte pode-se dizer que as sociedades moldam-se diante dos seus ambientes, configurando-se em uma relação conjugal.

Todo ser humano precisa ser localizar socialmente, fazendo parte de um sistema cultural. Cultura pode ser entendido como o conjunto de crenças, costumes e hábitos que regem uma sociedade, muitos estudiosos debruçaram-se nas questões que

envolvem as mudanças culturais. As escolas que permeavam a ciência antropológica tomaram para si tal missão, a primeira delas sendo o Evolucionismo Cultural, que tentou estabelecer um quadro universal baseado na ideia de estágios culturais que as sociedades deveriam passar de maneira unilinear. O difusionismo propôs a concepção de empréstimo cultural por meio de migrações, o que acabou resultando na diminuição da capacidade inventiva do homem, já que a tecnologia seria nada mais e nada mesmo do que empréstimo de uma outra sociedade e adaptada ao meio na qual foi inserido. O funcionalismo compreendia os sistemas sociais como um organismo biológico, estando todas as suas partes conectadas, desta forma, todas as partes deveriam funcionar em perfeita harmonia, baseado nas concepções de Emile Durkheim, o funcionalismo concebia a ideia de função social e por fim, o estruturalismo proposto por Lévi-Strauss concebia a ideia de estrutura social, carregava em suas bases uma essência funcionalista, porém compreendia a sociedade como um todo constituído por partes interdependentes, voltou-se para a análise mais subjetiva das estruturas sociais e buscava entender as relações sociais nas quais as estruturas estavam embasadas.

Na Inglaterra a Arqueologia da paisagem começa a dá seus primeiros indícios durante por volta da década de 60, com o Processualismo, sofrendo influências da arqueologia espacial, que utilizava sensores aéreos para analisar os assentamentos humanos. Na França o estudos das paisagens adquirem um caráter ecológico, estudando as relações entre o homem e seu meio possuindo um caráter ainda evolucionista voltando-se para uma análise física e ambiental, diante disso o homem era observado como um resultado do seu meio. Análises de cunho subjetivo começaram a ser feitas em 1980 com o Pós-processualismo, que passou a compreender as paisagens culturais em sua condição subjetiva. Por meio da fenomenologia, amplamente utilizada pela Geografia da Percepção, o espaço passou a ser observado como um resultado da consciência humana, sendo essa consciência ocorre por meio dos fenômenos, ainda que a paisagem deva ser observada como um algo que possui sua própria essência, podendo falar por si, desta forma para interpreta-la é necessário que se observe aquilo que está por trás dela. Desta forma as formulações interpretativas relacionadas a paisagem depende de quem a observa, e do fenômeno pelo qual o indivíduo passou durante sua vida, esses fenômenos vão influenciar a maneira como o ser compreende a paisagem.

A preservação das paisagens culturais ocorrem por meio das visitas do Iphan e pela a elaboração de relatórios que irão demonstrar as relações entre a paisagem e a cultura. Medidas de preservação das paisagens culturais são indispensáveis por elas ocorrem por meio do sentimento de memória e pertencimento ligados a uma comunidade, geralmente esses sentimentos se devem pela herança cultural, desta forma a paisagem trata-se de um resquício do passado no presente. Ainda assim, o termo paisagem precisa ser esmiuçado para que se tenha consciência daquilo que ele de fato representa e da sua importância.

Por se tratar de uma análise ampla, outros conceitos e abordagens precisariam ser postas de maneira mais aprofundada, contudo diante dos objetivos propostos neste trabalho, em termos gerais o assunto pode ser compreendido, contudo outras leituras e esclarecimentos veem a calhar.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Jorge. **A Arqueologia Como Semiologia Da Cultura Material.** Revista de Guimarães, n.º 105, 1995, pp. 21-44. Disponível em: [http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105\\_02.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG105_02.pdf). Acesso em: 12/11/18

ALMEIDA, Jorge Ailton Moreira De. **A Cerâmica Marajoara Dos Tesos. 2016, Trabalho de Graduação (graduação em Artes Aplicadas).** Universidade Federal de São João Del Rei do Estado de Minas Gerais, Minas Gerais, 2016. Disponível em: <[https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/artes/Jorge\\_2016\\_TCC.pdf](https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/artes/Jorge_2016_TCC.pdf)>. Acesso em 18/11/18

BACO, Hiuri Marcel Di; FACCIO, Neide Barrocá; LUZ, Juliana Rocha. **Das Raízes Da Pesquisa Arqueológica A Arqueologia Processual: Um Esboço Geral.** Disponível em: < <http://revista.fct.unesp.br/index.php/topos/article/viewFile/2233/2044>>. Acesso em: 10/07/18

BANDEIRA, Arkley Marques; NETA, Virginia Marques da Silva; SOARES, Leonardo Silva. **Paisagem E Arqueologia: Aproximações e Potencialidades.** Revista Equador (UFPI). Teresina/Piauí, Vol. 6, Nº 2, 2017. Disponível em: <<http://www.ojs.ufpi.br/index.php/equador/article/viewFile/6438/3858>>. Acesso em: 20/08/018

CARDOSO, C. F.; VAIFANS, R. Domínios da história: Ensaio de Teoria e Metodologia. In: REDE, Marcelo. **História e cultura material.** 5º ed., Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda, 1997. p. 133-148.

CARVALHO, Carolina Minardi de; GUIMARÃES, Leonardo Massula; ZANDOMÊNICO, Renan Ribeiro. **Entre Kultur e Civilization: uma análise da formação do conceito de civilização e cultura na transição do feudalismo para o capitalismo, a partir dos textos de Norbert Elias.** Revista História em Curso, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, 1º sem. 2013 Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ahu8Myrb8PgJ:periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/download/5344/pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 22/09/18

COSTA, Everaldo Batista. **Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX.** Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0430-50272012000100001](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0430-50272012000100001)>. Acesso em: 01/11/18

COSTA, Luciana de Castro Neves; GASTAL, Susana de Araújo. **Paisagem Cultural Diálogos entre o Natural e o Cultural. Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul- saberes e fazeres no turismo: Interfaces,** 2010. Disponível em:

<[https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios\\_semintur/semin\\_tur\\_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf](https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf)>. Acesso em: 19/11/18

DELPHIN, Carlos Fernando Almeida de Moura. **O Patrimônio Natural no Brasil**. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio Natural no Brasil.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf). Acesso em: 20/11/18.

FAGUNDES, Marcelo. **Conceito de Paisagem em Arqueologia- Os Lugares Persistentes**. HOLOS Environment, V.9, n.2, 2009, p. 301-315. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mW6UPXnkZRcJ:https://www.cea-unesp.org.br/holos/article/view/1310+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 05/08/018

FERREIRA, Rafael Bastos. **Fenomenologia Da Paisagem: Prolegômenos De Uma Geografia Das Essências**. Rev. Nufen: Phenom. Interd. | Belém, 9(2), 63-74, mai. – ago., 2017. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v9n2/a05.pdf>>. Acesso em: 02/09/18

FERREIRA, Maria Helena Azevedo; **Cultura Material E O Ensino De História: Perspectivas Acerca Das Culturas Indígenas Enquanto Parte Integrante Na Formação Do Povo Brasileiro**. In: I Jornada Paranaense Pibid e Pet de História. Maringá, 2013. Disponível em:< <http://www.pibidhistoria.pr.anpuh.org/anais/2013/54.pdf>>. Acesso em: 07/11/18

FUNARI, Pedro Paulo A. **Teoria e métodos na Arqueologia contemporânea: o contexto da Arqueologia Histórica**. Revista das Humanidades. Rio Grande do Norte, V. 06. N. 13, dez.2004/jan.2005. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:QJjefitS-EJ:https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/267+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>

GONÇALVES, Alice Ferreira. **Sobre O Conceito De Cultura Na Antropologia**. Disponível em:<<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:MYUmvzw6aoAJ:https://fundaj.emnuvens.com.br/CAD/article/download/1416/1136+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 20/09/18

Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Paisagem Cultural**. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto\\_paisagem\\_cultural.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livreto_paisagem_cultural.pdf)>. Acesso em: 18/11/18

GRAÇAS, Elizabeth Mendes. **Pesquisa Qualitativa E A Perspectiva Fenomenológica: Fundamentos Que Norteiam Sua Trajetória**. Rev. Min. Enf., 4(1/2):28-33, jan./dez., 2000. Disponível em:<<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5gyi8E911Q0J:www.reme.org.br/exportar-pdf/826/v4n1a06.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 06/12/18

JUNIOR, Euripedes Clementino Ribeiro. **A preservação do patrimônio cultural e suas particularidades.** Disponível em: <[http://www.conteudojuridico.com.br/artigo\\_a-preservacao-do-patrimonio-cultural-e-suas-particularidades,25299.html](http://www.conteudojuridico.com.br/artigo_a-preservacao-do-patrimonio-cultural-e-suas-particularidades,25299.html)>. Acesso em: 07/11/18

LIRA, Fabio Origuela. **Por uma História das Conchas – Paisagens e Sambaquis nas Planícies de Itabapoana.** Minas Gerais, viçosa, 2008.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. **A Chancela da Paisagem Cultural Brasileira e os Jardins Históricos.** Disponível: <[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:O\\_6G8oU1AScJ:www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308098302\\_ARQUIVO\\_CristianeMariaMagalhaes-achancelaeosjardinshistoricos.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:O_6G8oU1AScJ:www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308098302_ARQUIVO_CristianeMariaMagalhaes-achancelaeosjardinshistoricos.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em: 19/11/18

MARCONI, M.; PRESOTTO, Z. M. N. *Antropologia, Uma Introdução.* 3º ed. Editora Atlas, 1992.

MARTIN, G. **Pré-História do Nordeste.** 4º ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

MARQUES, Ilda Helena. **Sartre E O Existencialismo.** Revista Eletrônica Print by FUNREI. Μετανόια, São João del-Rei, n. 1. p. 75-80, jul. 1998 Disponível em: <[https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qfc9fqtWHTIJ:https://ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/lable/revistametanoia\\_material\\_revisto/revista01/texto09\\_existencialismo\\_sartre.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Qfc9fqtWHTIJ:https://ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/lable/revistametanoia_material_revisto/revista01/texto09_existencialismo_sartre.pdf+&cd=10&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br)>. Acesso em 12/11/18

MINTZ, Sidney w. **Cultura: uma visão antropológica.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>. Acesso em: 25/09/11

MILLER, D. Teoria das Coisas. In: **Trecos, troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material.** Rio de Janeiro: Zahar, 2013. P. 66-118. Disponível em:<<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2018/03/daniel-miller-trecos-trocos-coisas.pdf>>

MILLI, Cátia Regina. **A Antropologia e o Estudo dos Símbolos em Rituais e Religião: um percurso teórico.** Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yRx1CEBQVRIJ:periodicos.ufes.br/scs/article/download/18409/12365+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 16/11/18

MOREIRA, Erika Vanessa; HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. **O Lugar Como Uma Construção Social.** Revista Formação, nº14 volume 2 – p. 48-60. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6\\_moreira\\_e\\_hespanhol.pdf](http://www2.fct.unesp.br/pos/geo/revista/artigos/6_moreira_e_hespanhol.pdf). Disponível em: 05/08/018

MORIGI, Valdir José. **Memória Cultural Na Construção Das Identidades E Mapas Imaginários De Práticas Culturais Étnicas.** Disponível em:

[http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:UtP5tX6\\_dNgJ:seer.ufms.br/index.php/cadec/article/download/3676/2958+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:UtP5tX6_dNgJ:seer.ufms.br/index.php/cadec/article/download/3676/2958+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 19/11/18

MOURA, Carlos Fernando de Moura. **O patrimônio Natural do Brasil**. Disponível: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio\\_Natural\\_no\\_Brasil.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Patrimonio_Natural_no_Brasil.pdf)>

NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos. **O campo do patrimônio cultural e a história: itinerários conceituais e práticas de preservação**. 2014, v.7, n14, p. 45. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:K-WIRp40zzcJ:www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/downloadSuppFile/19969/8235+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 19/11/18

NÓR, Soraya. **O Lugar Como Imaterialidade Da Paisagem Cultural**. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:JTGnmztRIgEJ:https://www.revistas.usp.br/paam/article/download/88090/90976/+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 20/11/18

OLIVEIRA, Emanuel Magno A. de; SANTANA, Iolanda Cardoso de; ALVES, Adjair. **Radcliffe-Brown e o Estrutural-funcionalismo: a questão da mudança na estrutura e no sistema social**. Revista Diálogos – N.º 11 – abr./mai. - 2014. Disponível em: <[http://www.revistadiologos.com.br/Dialogos\\_11/pdf/Radcliffe\\_Emanuel\\_Iolanda\\_Adjair.pdf](http://www.revistadiologos.com.br/Dialogos_11/pdf/Radcliffe_Emanuel_Iolanda_Adjair.pdf)>. Acesso em: 28/09/18

OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. **O conceito antropológico de Cultura**. Disponível em: <<http://www.ucb.br/sites/000/14/PDF/OconceitoantropologicodeCultura.pdf>>. Acesso em: 16/11/18

OLIVEIRA, José Carlos Loures de. **Ecologia e Arqueologia da Paisagem: um estudo dos Sítios Pré-Coloniais da Zona da Mata Mineira**. 2007, dissertação (mestrado em Ecologia Aplicada ao Manejo e Conservação de Recursos Naturais). Universidade Federal De Juiz De Fora, 2007, Minas Gerais. Disponível em: <[http://www.ufjf.br/maea/files/2009/09/carlos\\_dissertacao\\_final.pdf](http://www.ufjf.br/maea/files/2009/09/carlos_dissertacao_final.pdf)>. Acesso em: 15/11/18

PEREIRA, Clevisson J; FERNANDES, Dalvani. **Cultura E Dimensões Do Viver Em Yi-Fu Tuan: Algumas Aproximações Geográficas**. Curitiba, p. 53-73, 2011. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sKZaKOfkE3IJ:https://revistas.ufpr.br/raega/article/download/21758/14161+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 01/09/18

PROUS, A. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

SALES, Ticiane Oliveira. **Práticas Urbanísticas E Preservação Patrimonial No Brasil**. Revista Crítica Histórica Ano I, N.º 2, Dezembro/2010. Disponível em: <<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/74/PRATICAS%20URBAN>>

ISTICAS%20E%20PRESERVACAO%20PATRIMONIAL%20NO%20BRASIL.pdf>. Acesso em: 06/11/18

SAQUET, Marcos Aurélio; SILVA, Sueli Santos da. **MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território**. Geo UERJ, Rio de Janeiro, v.2, n.18, 2º semestre de 2008. Disponível em: <<http://geografiaeconomicaesocial.ufsc.br/files/2016/05/obra-de-milton-santos.pdf>>. Acesso em: 15/08/18

SANTOS, M. O Espaço Geográfico, Um Híbrido. In. **A natureza do Espaço**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2006. P. 57-66.

STANISKI, Adelita; KUNDLATSCH, Cesar Augusto; PIREHOWSKI, Dariane. **O Conceito De Lugar E Suas Diferentes Abordagens**. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:j8JAYud5HjYJ:erevista.unioest e.br/index.php/pgeografica/article/download/11154/8417+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 12/08/18

SANTOS, Cláudia Alves dos; SOUZA, Flávia Silva de. **A Paisagem Geográfica Através Da Fenomenologia: Possíveis Caminhos Para A Construção De Um Método**. Disponível em: [http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:irVvW02haHUJ:www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos\\_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%2520Word%2520-%2520ClaudiaAlvesdosSantos.ED2III.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:irVvW02haHUJ:www.neer.com.br/anais/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%2520Word%2520-%2520ClaudiaAlvesdosSantos.ED2III.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 19/11/18

SANTOS, Helena Mendes dos; TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. **Livros do Tombo**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Livros%20do%20Tombo%20Dicion%C3%A1rio%20Iphan.pdf>>. Acesso em: 18/11/18

SCHIER, Raul Alfredo. **Trajetórias Do Conceito De Paisagem Na Geografia**. <Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353/2689>>. Acesso em: 20/08/08

RIBEIRO, Emilio Soares. **Um estudo sobre o símbolo, com base na semiótica de Peirce**. Vol. 6, n. 01 p. 46 –53, junho de 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/33423647-Estudos-semioticos.html> >. Acesso em: 17/11/18

RIBEIRO, R. W. *Paisagem Cultural e Patrimônio*. Rio de Janeiro, Imprinta Express Gráfica e ED. LTDA, 2007.

RODRIGUES, Kelly. **O Conceito De Lugar: A Aproximação Da Geografia Com O Indivíduo**. In: XI Encontro Nacional Anpege, 2015. Disponível em: <<http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/17/473.pdf>>. Acesso em: 20/07/18

ROCHA, Samir Alexandre. **Geografia Humanista: História, Conceitos E O Uso Da Paisagem Percebida Como Perspectiva De Estudo**. Curitiba, n. 13, p. 19-27, 2007. Disponível em: <<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:ysD-QiYuV->

QJ:<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/7670+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>.  
Acesso em: 23/08/18

ROCHA, Lurdes Bertol. **Fenomenologia, Semiótica E Geografia Da Percepção: Alternativas Para Analisar O Espaço Geográfico**. Revista da casa de geografia de Sobral, Sobral, V. 04/05, p. 67-79, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/79/76>>. Acesso em: 16/17/18

SIANI, Sergio Ricardo; Correa, Dalila Alves; Casas, Alexandre Luzzi Las. **Fenomenologia, Método Fenomenológico E Pesquisa Empírica: O Instigante Universo Da Construção De Conhecimento Esquadrinhada Na Experiência De Vida**. Revista de Administração da UNIMEP. v.14, n.1, Janeiro/Abril – 2016. Disponível em: < <http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/regen/article/viewFile/1002/670>>. Acesso em: 06/12/18

SOUSA, Ana Cristina de. **Arqueologia da Paisagem e a Potencialidade Interpretativa dos Espaços Sociais**. Habitus, Goiânia, V.3, n.2, p. 291-300, 2005. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:rL8EhhrE77YJ:seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/60+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 17/11/18

SOUSA, J. Francisco Saraiva de. **Claude Lévi-Strauss E O Estruturalismo**. Revista\_Desenredos - ISSN 2175-3903 - ano IV - número 15 - Teresina - Piauí - outubro novembro dezembro de 2012. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:CV2m7M4MAyIJ:desenredo.s.dominiotemporario.com/doc/15-ens-JSaraiva-LeviStrauss.pdf+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em: 10/10/18

TOURINHO, Carlos Diógenes. **A Crítica De Husserl Ao Positivismo**. Disponível em: <[http://en-fil.net/ed1/conteudo/archives/ed001\\_Diogenes.pdf](http://en-fil.net/ed1/conteudo/archives/ed001_Diogenes.pdf)>. Acesso em: 25/08/18

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**. Disponível em: <<https://ciajgarcia.files.wordpress.com/2011/12/espac3a7o-e-lugar1.pdf>>. Acesso em: 06/05/18

TRIGGER, B. G. *História do Pensamento Arqueológico*. 2º ed. São Paulo: Odysseus Editoria, 2004.

VASQUES, Márcia Severina. **Pré-história do Seridó: perspectivas para o estudo das gravuras rupestres**. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades2009/Anais/GT06/6.8.pdf>>. Acesso em: 15/11/18

VERGNE, Maria, Cleonice. **Cemitérios do Justino: Estudos sobre a ritualidade funerária em Xingó, Sergipe**.

VIANA, Veronica et.al. **Arte Rupestre.** Disponível em:  
[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTR  
E%20-%20pronto%20pdf.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/VERBETE%20ARTE%20RUPESTR<br/>E%20-%20pronto%20pdf.pdf). Acesso em: 15/11/18